



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ÍTALA LOYANE DE ARAÚJO MOURA

**DA ROÇA E O LAR AO REIVINDICAR: A trajetória política de Maria de  
Jesus Filha (Bibia) 1980-2008**

PICOS-PI  
2013

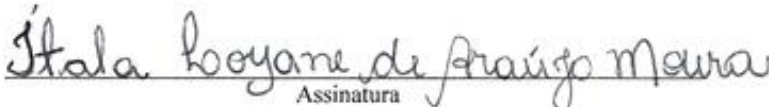
ÍTALA LOYANE DE ARAÚJO MOURA

**DA ROÇA E O LAR AO REIVINDICAR: A trajetória política de Maria de  
Jesus Filha (Bibia) 1980-2008**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura  
Plena em História, da Universidade Federal do  
Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de  
Barros, Como requisito parcial para a obtenção  
do diploma de **Graduado em História**.  
Elaborada sob orientação do Prof<sup>a</sup> Olívia Candeia  
Lima Rocha.

Eu, **Ítala Loyane de Araújo Moura**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 19 de setembro de 2013.

  
Assinatura

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**M929r** Moura, Ítala Loyane de Araújo.  
Da roça e o lar ao reivindicar: a trajetória política de  
Maria de Jesus Filha (Bibia), 1980 - 2008 / Ítala Loyane de  
Araújo Moura. – 2013.  
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (80p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade  
Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.  
Orientador(A): Profa. Msc. Olívia Candeia Lima Rocha

1. Bibia. 2. Gênero. 3. Política. I. Título.

**CDD 305.409**

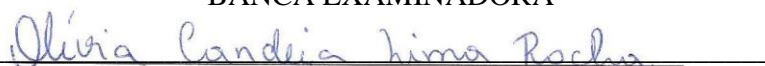
ÍTALA LOYANE DE ARAÚJO MOURA

**DA ROÇA E O LAR AO REIVINDICAR: A trajetória política de Maria de Jesus Filha (Bibia) 1980-2008**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Como requisito parcial para a obtenção do diploma de **Graduado em História**. Elaborada sob orientação do Prof<sup>a</sup> Olívia Candeia Lima Rocha.

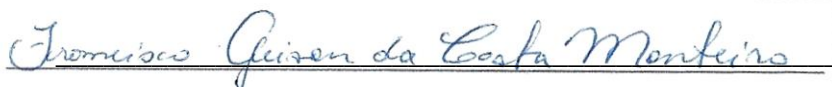
Data de aprovação: 18 / 09 / 2013

BANCA EXAMINADORA



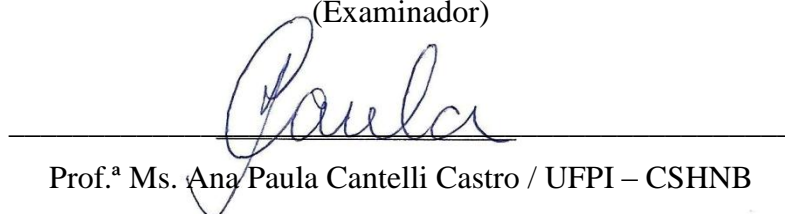
Prof.<sup>a</sup> Ms. Olívia Candeia Lima Rocha / UFPI – CSHNB

(Orientador)



Prof. Ms. Francisco Gleison Monteiro / UFPI – CSHNB

(Examinador)



Prof.<sup>a</sup> Ms. Ana Paula Cantelli Castro / UFPI – CSHNB

(Examinadora)

Mulher  
Semente...  
SER-mente...  
SER que faz gente,  
SER que faz a gente.  
Mulher  
SER guerreiro, guerrilheiro, lutador...  
multimídia, multitarefa, multifaceta, multiacaso...  
multi-coração...  
Mulher  
SER que dá conta,  
que vai além da conta,  
que multiplica,  
divide, soma e subtrai, sem perder a  
conta, sem se dar conta,  
de que esse século foi seu parto,  
na direção de seu espaço,  
de seu lugar de direito e de fato,  
de seu mundo que lhe foi usurpado e que  
agora é por ela ocupado.  
**Autor Desconhecido.**

## **AGRADECIMENTOS**

Chegando ao final de uma etapa tão árdua em minha vida, na condição em que muitas mulheres assim como eu, atualmente sonham em progredir na vida conciliando os estudos com o casamento, a maternidade, os afazeres domésticos, o trabalho externo, etc; digo-lhes que não foi nada fácil chegar até aqui, mais eu consegui!

Acredito fielmente que sem fé e a crença em Deus que tenho em meu coração, nada disso seria possível, pois diante dos percalços existentes na caminhada, por muitas vezes pensei em desistir, mas Deus esteve sempre ao meu lado dizendo que eu iria conseguir.

Agradeço de maneira toda especial a minha MÃE, onde mesmo não podendo lhe dar aquele abraço apertado e levantar meu canudo olhando em sua direção, por ser ela a principal responsável por infiltrar em mim a importância de uma boa educação, sei que se orgulha de mim, onde quer que esteja. Esse era seu grande sonho, me formar acima de qualquer coisa. Me formar como uma pessoa do bem, e como uma pessoa detentora conhecimentos formais, pois sempre me dizia que “a maior herança que poderia me deixar era os estudos e meus valores enquanto pessoa”, e acredito que não tenho lhe decepcionado! Por isso, agradeço infinitamente pela proteção e orientação que mesmo não sendo visível, posso sentir desde que ela se foi, pois acredito que o amor de uma mãe transcende a barreira carnal da mortalidade, digo isso com a propriedade de uma mãe, que é um sentimento tão profundo que ultrapassa todos os limites da existência humana, e por isso digo **OBRIGADA MINHA MÃE POR TUDO!**

Neste momento gostaria de expor toda a minha gratidão a todas as pessoas que contribuíram para que essa tão sonhada conquista se efetivasse. Entre elas destaco uma figura inigualável, meu esposo Islênio Lima que literalmente faz jus a palavra companheiro, em todos os momentos, a qualquer hora, sempre disposto a me ajudar no que eu precisasse. Ele esteve sempre paciente em minhas ausências, tolerante com minhas falhas, e nunca me permitiu desanimar, sendo sem dúvidas o maior facilitador dessa minha jornada. Além disso, com a bondade de Deus pode me proporcionar o maior de todos os presentes que é nossa linda

filha Sabrina, nossa maior riqueza, nossa arte mais perfeita, na qual vivemos todos os dias na busca de lhe proporcionar uma vida melhor.

À minha querida Bibia, por ser minha “musa inspiradora” que com sua simples trajetória de vida e lutas, para fazer valer sua presença enquanto mulher na sociedade lisboense, me possibilitou a oportunidade de narrar sua história e incluí-la na roll dessas mulheres políticas piauienses. Obrigada por compartilhar comigo suas lembranças, me dar acesso aos seus documentos e fotografias de seu arquivo pessoal, e por se mostrar sempre prestativa e empenhada com o desenrolar do nosso trabalho. Desejo que Deus nos conceda a oportunidade de tê-la conosco por muitos anos ainda, pois só temos a ganhar e aprender na convivência com uma verdadeira MATRIARCA FAMILIAR E SOCIAL!

Aos meus entrevistados, muito obrigada pelo acolhimento e confiança, em compartilhar comigo suas memórias tão ricas e importantes para o bom desenrolar desta pesquisa.

Agradeço a toda minha família pelo amor, o carinho, e a atenção em todos os momentos. A meu pai Francisco das Chagas, minha tia Irací Leal, tio Daniel Leal e minhas primas que na verdade amo como irmãs, Daniella, Socorrinha, Geane e Wanessa, elas são minhas melhores amigas, minha fonte de inspiração; amo toda minha família incondicionalmente e sem distinção, eles são minha base, meu porto seguro.

Nesse contexto, não poderia deixar de agradecer a família do meu esposo Islênio, em especial a minha sogra Alzair Lima, por ser essa pessoa abençoada e iluminada, que junto ao meu esposo proporcionaram muito conforto, segurança e uma educação de qualidade a minha filha Sabrina, nos momentos em que estive ausente, e isso me dava tranquilidade para prosseguir nos estudos.

Apesar da loucura e do stress vivenciados esses anos todos, tendo que me desdobrar em tantas funções, foi muito gratificante todo o aprendizado concebido, tanto teórico como prático no curso de História. E nada mais justo do que agradecer sem distinção a todos os mestres que estiveram conosco esses anos todos, compartilhando seus conhecimentos e experiências, e nos preparando para a prática docente da melhor maneira possível. Me orgulho muito em ter feito um curso em uma instituição tão séria e competente como a Universidade

Federal do Piauí, campus de Picos, e poder contar com uma equipe de gestores e professores tão competentes como tivemos.

À minha orientadora Olívia Candeia, total responsável pela minha certeza em relação ao tema a ser pesquisado nesse trabalho, o meu muito obrigada, por toda a dedicação, atenção e amizade comigo todo tempo, sempre a disposição para me ouvir e me orientar. Obrigada por ter acreditado no meu potencial, sempre me incentivando e me estimulando para que eu desse meu melhor; e acredito que dentro dos meus limites e possibilidades, assim o fiz.

A riqueza dos conhecimentos adquiridos foi tão importante quanto às experiências vivenciadas ao lado de pessoas tão maravilhosas que tive o prazer de conhecer na minha vida acadêmica, como Raila Silva, Jaqueline Cavalcante, Klédison Lima, Eduardo Almeida, Higo Carlos, Francisco Silva, Tâmara Cristina, Gerlândia Moura, Elieny Veloso, companhias agradabilíssimas que me trouxeram momentos de muita aprendizagem e descontração.

E o que dizer quando se encontra uma amiga de verdade, para toda a vida? É o que Millena Araújo representa pra mim, me completando nos mínimos detalhes, uma conselheira, uma confidente, foram tantas alegrias, tantos assuntos, tantas aflições que superamos juntas. Obrigada minha linda amiga por ser essa pessoa encantadora e maravilhosa que és, e mesmo com a distância que agora vai nos separar, tenha certeza que você marcou minha vida profundamente, e sempre vai estar em meu coração e em minhas mais belas lembranças.

Obrigada meu Deus por me conceder o dom da vida e da saúde pra que eu possa vivenciar esses momentos tão felizes, e por sempre colocar pessoas tão maravilhosas em minha vida que facilitam o meu caminho; assim como por me dar discernimento para me distanciar daqueles que pretendem me prejudicar.

E vamos que vamos, porque com Deus na mente, amor no coração, e a lucidez como razão, essa é só uma, das muitas conquistas que virão!!!



*Dedico esse trabalho a minha Mãe Elizabeth Luíza (in memoriam) que depositou em mim toda sua esperança de uma ascensão na vida por meio da educação e do saber. E a minha filha Sabrina onde pretendo lhe repassar tanto os valores morais, como educacionais para viver em harmonia com o próximo, e ter a tão sonhada prosperidade.*

## RESUMO

A pesquisa deste trabalho tem como tema *Da Roça e o Lar, ao Reivindicar*: a trajetória política de Maria de Jesus Filha (Bibia) 1980-2008. A qual tem o foco da pesquisa direcionado para os debates que trazem à tona a figura feminina de Bibia, tendo sua temática tratando de assuntos diversos, como mulheres em seu cotidiano, trabalho, política, etc. E tem por objetivos a análise da trajetória de vida dessa mulher e os episódios que acarretaram sua entrada na vida política, de modo à neste contexto fazer um estudo sobre os aspectos sociais e políticos da cidade de Santo Antônio de Lisboa-PI. A partir de palavras chaves que giram em torno de mulheres, gênero e política, desdobraremos nossa discussão com o intuito de conhecer como se deu essa luta nos pequenos núcleos urbanos. Assim, refletindo sobre o contexto social, econômico e político desta cidade. Observando a história de Bibia, viúva com 8 filhos com uma renda financeira proveniente do trabalho rural, a qual se desdobra para prover alimento e educação para seus filhos, e além disso, participa e atua dos eventos relacionados à religião, movimentos trabalhistas, sociais e político. Esta acaba conquistando o respeito de todos que a conhecem, levando à posteriormente se tornar representante do povo na Câmara Municipal, por dois mandatos como Vereadora (nos pleitos de 1996 e 2004) ambos pelo PT (Partido dos Trabalhadores) na respectiva cidade. Tal pesquisa foi realizada a partir de entrevistas com a Senhora Bibia, Estevão de Araújo Rocha, Expedito Bernardino da Silva e Nilvon Batista Brito; fotografias que mostram a participação de Bibia em movimentos sindicais, campanhas políticas, passeatas, e reivindicações como recurso ilustrativo e visual; e o estudo de teóricos como Joan Scott (1989), Raquel Soihet (1998), Mary Del Piori (2002), Ecléa Bosi (1994), Andréa Gonçalves (2006), dentre outros.

**Palavras-chave:** Bibia; Gênero; Política.

## ABSTRACT

The research of this work has as its theme and Lar Da Roca, the claim: the political career of Jesus Son of Mary (Bibia) 1980-2008. Which is the focus of research directed to the discussions that bring out the feminine figure of Bibia, with its theme of addressing diverse topics such as women in their daily life, work, politics, etc.. And aims to analysis of the trajectory of this woman's life and the events that led to his entry into politics, so in this context to make a study on the social and political aspects of the city of Santo Antonio de Lisboa-PI. From keywords that revolve around women, gender and politics, drill down into our discussion in order to know how did this fight in small townships. Thus, reflecting on the social, economic and political in this city. Observing the history of Bibia widow with 8 children with a financial income from rural labor, which unfolds to provide food and education for their children, and also participates in the acts and events related to religion, labor movements, social and political. This ends up earning the respect of all who know her, leading to later become the people's representative in the City Council, two terms as councilor (in the elections of 1996 and 2004) both the PT (Workers' Party) in the respective city. This research was conducted through interviews with Mrs. Bibia, Stephen de Araújo Rocha, Expedite Bernardino da Silva Brito and Batista Nilvon; photographs showing the participation of Bibia in labor movements, political campaigns, rallies, and claims as illustrative and visual appeal , and the theoretical study as Joan Scott (1989), Raquel Soihet (1998), Mary Del Piori (2002), Ecléa Bosi (1994), Andréa Gonçalves (2006), among others.

**Keywords:** Bibia; Gender; Policy.

## **LISTA DE SIGLAS**

ACPPC – Associação Comunitária dos Pequenos Produtores de Caju

CEBS – Comunidades Eclesiais de Base

CONCLAT – Conferência da Classe Trabalhadora

CUT – Central Única dos Trabalhadores

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEB – Movimento de Educação de Base

PT – Partido dos Trabalhadores

SAPPP – Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Ilustração 1:</b> Bibia.....	29
<b>Ilustração 2:</b> Mapa de localização regional .....	30
<b>Ilustração 3:</b> Irmãos, filhos, noras e netos de Bibia na Igreja de Santo Antônio de Lisboa-PI .....	34
<b>Ilustração 4:</b> Bibia com seus oito filhos.....	35
<b>Ilustração 5:</b> Encontro das CEBs no Salão Paroquial da Igreja para orientação do grupo de trabalhadores rurais com o objetivo de fundar o sindicato.....	39
<b>Ilustração 6:</b> Padre Hermínio .....	41
<b>Ilustração 7:</b> Reunião de membros da CUT de Picos em Santo Antônio de Lisboa onde podemos ver o filho de Bibia Ajailton discursando .....	45
<b>Ilustração 8:</b> Reunião de brasileiros de vários estados e municípios do Brasil em Brasília no período da Constituição de 1988 .....	46
<b>Ilustração 9:</b> Principais membros do sindicato de Santo Antônio de Lisboa – PI. Bibia a esquerda.....	48
<b>Ilustração 10:</b> Bibia a frente de uma passeata no dia do trabalhador.....	49
<b>Ilustração 11:</b> Padre Toinho discursando, ao lado Lula, Bibia, seu filho Aldí e outros membros da comitiva de Lula em Santo Antônio de Lisboa em 1992.....	64
<b>Ilustração 12:</b> Cartaz de propaganda eleitoral de Bibia da eleição de 1996 .....	65
<b>Ilustração 13:</b> Bibia no dia de sua diplomação como vereadora das eleições de 1994.....	66
<b>Ilustração 14:</b> Bibia ao lado de filhos, netos e amigos, segurando bandeiras e torcendo alegremente na eleição de Lula como presidente da República em 1994 .....	67
<b>Ilustração 15:</b> Bibia ao lado de Weligton Dias na comemoração dos 30 anos de PT no Brasil e posse do Diretório de Picos em 2010.....	69
<b>Ilustração 16:</b> Bibia ao lado de Wilson Martins, candidato a Governador do Piauí na ocasião, Welligton Dias( Deputado Federal) Antônio José Medeiros, Dr. Fabiano, e seus filhos Aldí e Ajailton. Festa do caju, 2010 .....	71
<b>Ilustração 17:</b> Bibia e seu filho Ajailton no dia da diplomação dele como vereador na Câmara Municipal de Santo Antônio de Lisboa em 2008 .....	72

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1 Conceito de Gênero: A História das mulheres em ação</b> .....	23
1.1 Diversidade da categoria das mulheres perante o conceito de gênero .....	23
1.2 A história de movimentos sociais, sindicalistas e políticos de Bibia: uma mulher em ação em seu tempo .....	33
1.3 A criação do sindicato dos trabalhadores rurais em Santo Antônio de Lisboa .....	46
<b>2 A participação de Bibia na política e a possível mudança de curso da história: Uma voz feminina</b> .....	52
2.1 PT no Brasil, Piauí e Santo Antônio de Lisboa .....	56
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	73
<b>FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	75
<b>ANEXOS</b> .....	79

## INTRODUÇÃO

Atualmente, lemos e discutimos muito sobre o papel e a atuação da mulher nos diferentes espaços da nossa sociedade. Os debates que trazem à tona a figura feminina como temática a ser abordada, tratam de assuntos diversos, como mulheres em seu cotidiano, maternidade, trabalho, política, lazer, etc. Contudo, apesar da abertura que existe hoje para debater esse assunto em qualquer ambiente, sabe-se que muitas foram às lutas empreendidas pela emancipação feminina na conquista de seus direitos. Nesse contexto, as mulheres enquanto sujeitos históricos estão entre as protagonistas desse movimento que buscaram o seu espaço.

O desejo de trabalhar com Gênero e a História das Mulheres partiu do interesse de poder conhecer um pouco mais sobre a trajetória das reivindicações e conquistas paulatinas que as mulheres tiveram ao longo do tempo na sociedade brasileira, para assumirem seus direitos como cidadãs, superarem as barreiras de seus lares e os estereótipos que a limitavam como rainha do lar.

Para Beauvoir (1970), a mulher não poderia ser colocada apenas como um organismo sexuado que nasce, cresce e reproduz. Assumindo apenas uma posição de valor concreto que não pensa, não reflete e nem é capaz de opinar sobre assuntos que estão fora dos seus afazeres domésticos. Para a autora, a consciência adquirida de si mesma não é somente pela sexualidade, mas sim por meio das reflexões obtidas através da estrutura econômica da sociedade.

Desse modo, essa idéia foi reforçada, durante as conversas de calçada que costuma acontecer nas noites em família nas cidades pequenas e no curioso e atento olhar que o fazer história nos possibilita. Consegui ver uma bela história, de uma mulher que foi a luta e buscou seu espaço; conseguindo marcar seu nome na vida social e política não só local, mas também estadual. Trata-se da Senhora Maria de Jesus Filha- Bibia (codinome pelo qual é popularmente conhecida), nascida no dia 15/08/1929 no então povoado Rodeador, que foi elevado à condição de cidade em 19/12/1963 com o nome de Santo Antônio de Lisboa, sendo este um pequeno município localizado no sertão do Piauí a 352 km da Capital. Município que tem uma população de 6.008 habitantes segundo senso realizado pelo IBGE/2010.

Foi então, que ao cursar o 8º período de minha graduação e ver nele a disciplina de Gênero e História, ministrada pela professora Olívia Candeia, que tive a certeza em relação à escolha do meu objeto de pesquisa, onde ao aprofundar meus conhecimentos sobre a temática com as explanações pertinentes da professora, cheguei à conclusão de minha total sintonia com essa vertente historiográfica.

E é a partir das palavras chaves - mulheres, gênero, e política que desdobramos nossa discussão e em torno dela elaboramos a presente pesquisa, no intuito de conhecer como se deu essa luta nos pequenos núcleos urbanos levando em conta o título do nosso trabalho “Da Roça e o Lar, ao Reivindicar: a trajetória política de Maria de Jesus Filha (Bibia) 1980-2008”. Onde por meio desse estudo, buscaremos analisar como uma mulher nascida de família simples e sem muitas oportunidades de estudo, conseguiu ganhar visibilidade na esfera social e inserir-se como primeira mulher a atuar no cenário político local, espaço que por muito tempo era destinado apenas para homens.

Desta forma, os objetivos do nosso estudo estão concentrados na possibilidade de analisar a trajetória de vida dessa mulher e os episódios que acarretaram sua entrada na vida política, de modo à neste contexto fazer um estudo sobre os aspectos sociais e políticos da cidade de Santo Antônio de Lisboa-PI. Pois, consideramos de fundamental importância tomar conhecimento das idéias modos e costumes imperativos nesta cidade, que servirá como principal cenário da nossa pesquisa.

De acordo com Matos (2006), a história das mulheres muitas vezes era vista como complemento da história dos homens. Sendo assim, é necessário para a construção dos estudos empíricos, examinarem as mudanças ocorridas e como construídas nas práticas produzidas no cotidiano. De modo, a não deixar dúvidas da relevância do aprofundamento da pesquisa empírica para constituição dos agentes históricos.

Assim, pretende-se refletir o contexto social, econômico e político desta cidade, que ainda na década de 1980, veio a acolher a participação da Senhora Bibia na esfera pública, e entender essa relevância, tendo em vista a participação reduzida de mulheres em agremiações partidárias e nos poderes executivo e legislativo em Santo Antônio de Lisboa, que a passos lentos caminhavam nessa perspectiva. Bibia se movimenta, age, atua, participa, e acaba conquistando o respeito de seus munícipes, que a levariam posteriormente a se tornar representante do povo na Câmara Municipal por dois mandatos como Vereadora (nos pleitos



de 1996 e 2004) ambos pelo PT (Partido dos Trabalhadores) na respectiva cidade. Onde deixou um legado que facilitou o ingresso de um de seus filhos na política, o qual sucederia na campanha de 2008 quando sua idade já lhe impossibilitava de continuar essa jornada.

Nesse sentido, delimitaremos o nosso estudo as décadas de 1980-2008, período em que nossa protagonista esteve mais atuante na vida social e política de sua cidade. Com esse recorte temporal pretendemos reconstruir a trajetória de vida da senhora Maria de Jesus Filha – Bibia, buscando percebê-la como sujeito histórico e enxergá-la como uma possibilidade de entendermos os discursos vinculados em torno da figura feminina durante o período em estudo.

Sabemos que a escrita da história a partir da trajetória de vida de uma mulher tem suas limitações, no entanto com as novas perspectivas que surgem no campo historiográfico. Observa-se, que através da história da trajetória de mulher em uma sociedade tradicional de uma localidade/cidade menor é possível construir a análise factual e temporal da história humana.

Desse modo, Rachel Soihet (1998) destaca quanto à história das mulheres, a questão da abertura proporcionada pela micro-história, uma corrente historiográfica surgida dos desmembramentos da Escola dos Annales, onde essa vertente possibilitou não só um estudo das mulheres que estivesse relacionado às abordagens tradicionais, como trabalho, política, educação ou direitos civis, mas a partir dela, aspectos relacionados ao cotidiano que passaram a ser objetos de estudo e análise com novos temas, tais como: maternidade, família, sexualidade, sentimentos, entre outros.

Nesta perspectiva, segundo Gonçalves (2006), o cuidado dado às fontes documentais feitas no ambiente privado baseadas nas alterações inseridas no fazer histórico, sobretudo com a História Social, a História Cultural e a Nova História apontou-se como uma das mais prósperas para o estudo da história das mulheres.

Pensar a história das mulheres como um campo historiográfico no século XIX, era pouco comum, isso porque os trabalhos científicos eram produzidos numa perspectiva positivista, que insistia em focar a escrita histórica nos aspectos políticos e econômicos. Nesse quadro é importante mencionar, que as relações produzidas pelo seio econômico e político eram predominantemente, se não, exclusivamente, realizadas nos espaços públicos, por

homens, com homens. Sendo assim, as mulheres por estarem mais voltadas ao espaço privado, acabaram sendo suprimidas a uma participação direta nos grandes acontecimentos históricos, porém esse fato não deve ser generalizado. Pois, a existência das mulheres é simultânea a dos homens no mesmo tempo histórico, no entanto, atuando em espaços distintos.

Diante disso, percebemos que a discussão sobre a história das mulheres está difundida dentro de um contexto maior, onde a abordagem dessa temática remete a um novo posicionamento historiográfico que busca tentar incluir as classes oprimidas na história dominante. Mas Joan Scott assinala que essa não seria uma tarefa fácil para os historiadores que se aventurassem nessa missão, uma vez que a reescrita da história passaria não só por uma “reavaliação crítica das premissas do trabalho científico existente, mas seria necessário uma redefinição e um alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante” (SCOTT, 1989, p.2).

O que pode também ser identificado no projeto de integração da história das mulheres na historiografia tradicional foi a grande dificuldade encontrada pelos historiadores das mulheres para o cumprimento de tal tarefa. Que para isso seria necessário reescrever a história e situá-la, dentro dos novos padrões que viam as mulheres como sujeitas políticas em atividade seja no espaço público ou privado. Desse modo, considerando a origem da história das mulheres como um novo campo de pesquisa, Scott (1989, p.65) indica que essa história:

[...] não deve ser somente uma narrativa linear, mas um relato complexo, que leve em conta, ao mesmo tempo, a posição variável das mulheres na história, o movimento feminista e a disciplina de história, que passa por uma evolução que vai do feminismo, para as mulheres e daí para o gênero, ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise.

A autora considera que a escrita da história das mulheres deve romper com o padrão inexorável sobre:

[...] termos estabelecidos, e a prioridade dada à história do homem em relação à história da mulher, expondo a hierarquia implícita em muitos relatos históricos, para assim buscar de alguma forma incluir as mulheres como objetos de estudo, e sujeitos da história (SCOTT, 1989, p.77-78).

Mas, é importante mencionar que a autora propõe que a história das mulheres seja construída simultaneamente e coletivamente a dos homens, não existem separadas, e por isso não devem ser analisadas separadamente, nem somente sobre a perspectiva oprimido x

opressor, pois a relação entre ambos vai muito além dessa vitimização dada à mulher e o poder absoluto dado ao homem.

Para tanto, é necessário buscar entender o porquê do silenciamento de tantas vozes como mulheres, negros e operários, entre outros grupos de pessoas na escrita historiográfica. Assim, como questionar a configuração, padronização e hierarquização do poder, é uma tarefa indispensável para um historiador social. Pois, como coloca Joan Scott, os níveis de desigualdade se concentram principalmente nas categorias de classe, raça e gênero, e esses merecem um estudo mais detalhado para tentar desmistificar a homogeneização dada a esses grupos.

Então, tendo isso sido observado, ficou claro que as dificuldades em relação a uma mudança que rompesse com esses paradigmas históricos seriam muitas, pois até no final do século XIX os estudos que mencionavam a existência feminina estavam todos relacionados ainda em sua essência e a uma reafirmação do papel feminino nos espaços privados, sendo isso foi muito forte durante muito tempo por conta de um mutismo por parte das mulheres. Mediante isso, Michelle Perrot afirma que na construção da história das mulheres, “o que importa reencontrar são as mulheres em ação, inovando em suas práticas, mulheres dotadas de vida, e não absolutamente como automatas, mas criando elas mesmas o movimento da história” (PERROT, 1988, p.187).

A Escola dos Annales corrente historiográfica que surgiu no final do século XIX e início de século XX, exerceu um importante papel no sentido de proporcionar a indivíduos e categorias sociais marginalizados na sociedade, um lugar nas abordagens históricas. Com a ampliação dos temas e fontes, embasados agora numa história social e fundamentada na história cultural e das mentalidades, temas como a sexualidade e o imaginário passaram a fazer parte de pesquisas e estudos. A Escola dos Analles, de início não incorporou a história das mulheres como um campo de estudo, porém, a partir de seus desmembramentos ela possibilitou o estudo das minorias enfatizando indivíduos de classes menos favorecidas historicamente, ou temas ainda não trabalhados, e nesse caso as mulheres se encaixavam aos novos ideais de pesquisa (SOIHET, 1998).

Mesmo assim, percebemos que “O desenvolvimento de novos campos da história, como a história das mentalidades e a história cultural reforça o avanço na abordagem do feminino” (SOIHET, 1998, p.276). Onde o surgimento desses campos de pesquisa, vai incitar

as particularidades existentes nas academias, onde as pessoas começaram a voltar suas pesquisas de acordo com a categoria em que estão inseridos, seja social, racial, econômica ou sexual, como é o caso das mulheres que estavam ingressando nas universidades, e passariam assim a tomar partido quanto à escrita de sua própria história.

Segundo Freitas (2005), os historiadores brasileiros têm dado extraordinário cuidado ao fato das lembranças e memórias ampararem-se em acordos e conhecimentos culturais capazes ou não de obter credibilidade aos relatos de mulheres. Há uma toda conjuntura cultural e histórica que os embasa, que relega estas falas a do silêncio. Mas diante das discriminações contra a oralidade é necessário, contudo, lembrar que a história oral é subjacente a tudo o que se escreve em História e que grande parte das fontes antigas sobre os quais trabalha o historiador foi feitas por meio da tradição oral.

Considerando assim o recorte e a temática pesquisada, espera-se que por meio dos métodos que foram utilizados e apresentados a seguir, possamos chegar à compreensão da problemática discutida, contribuir com um possível olhar sobre o processo de emancipação e construção da história das mulheres na sociedade brasileira, enfatizando os aspectos políticos e as relações de poder.

E norteados ainda pelo aporte teórico de historiadores consagrados na área de Gênero como Joan Scott, História das Mulheres como Raquel Soihet, História das Mulheres no Brasil com Mary Del Piori, História e Memória com Jaques Le Goff e Ecléa Bosi, e a micro-história na perspectiva de Andréa Gonçalves, entre outros grandes nomes que dão referência ao nosso trabalho.

Pretendemos poder contribuir de forma historiográfica para que os estudos na área da História das Mulheres, independente do aspecto que priorize, sejam cada vez mais realizados; que essas histórias sejam narradas, conhecidas e difundidas nos centros acadêmicos, em livros e na mídia geral. Para que com essa propagação, busquemos cada vez mais desarraigas as bases culturais, tidas como “naturais” em nossa sociedade que homogeneízam e estereotipam as mulheres, e as colocam em condições de inferioridade em relação aos homens, pois na verdade as mulheres têm representado na história da humanidade um sinônimo de força e lutas. Mostrando que é possível através da memória e da História Oral obter documentos que indiquem por meio da divulgação de experiências a existência da história de classes menos favorecidas que até então estão ocultas ou não inclusas nos campos do escrito.

Para a realização da presente pesquisa, diante da infinidade de métodos que nos são apresentados como suportes para a produção historiográfica, consideramos conveniente e devidamente apropriado ao nosso trabalho a utilização da História Oral como método de pesquisa mais adequado para abordar nossa temática. Onde atrelado ao conceito de memória constituem subsídios indispensáveis para enriquecer nosso trabalho.

Estes argumentos podem ser confirmados na concepção de Freitas (2005, p.18) que julga a arte como “um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”. Pois, segundo o autor citado a História Oral é o método mais adequado para abordar a “narrativa da experiência humana” que por meio de recursos eletrônicos, esse método se torna fonte e técnica na produção de conhecimentos. A História Oral, além de um método pode ser vista como um meio de criar fontes, pois: “[...] a História Oral tem como principal finalidade criar fontes históricas. Portanto, essa documentação deve ser armazenada, conservada, e sua abordagem inicial deve partir do estabelecimento preciso dos objetos da pesquisa” (FREITAS, 2005, p.19).

Contudo, para articular a pesquisa com base na metodologia da História Oral, é importante compreender dentro desse método o conceito de Memória. Este entendimento se justifica segundo Freitas (2005) porque a História Oral tem como suporte as lembranças, evidenciando uma memória coletiva, essa é uma somatória de experiências individuais, passíveis de serem utilizadas como fontes históricas.

Por isso, é de acordo com esse método teórico-metodológico que realizamos entrevistas, com a Senhora Bibia, e com outros importantes agentes que fundamentarão as idéias e os acontecimentos apresentados ao longo do nosso trabalho, tendo como depoentes: Estevão de Araújo Rocha, Expedito Bernardino da Silva e Nilvon Batista Brito.

Utilizamos ainda não como fonte documental, e sim como um recurso ilustrativo e visual, fotografias que mostram a participação de Bibia em movimentos sindicais, campanhas políticas, passeatas, e reivindicações encontradas no seu acervo pessoal.

Esta monografia está organizada em dois capítulos: no primeiro capítulo fez-se um levantamento bibliográfico no qual se priorizam textos que trazem concepções teóricas sobre a discussão de Gênero onde discorreremos numa perspectiva que gira em torno das diferenças

sociais de gênero e suas implicações na definição dos papéis sociais estabelecidos ao longo da formação histórica da sociedade. Com isso realizou-se uma abordagem acerca do papel exercido pela mulher na sociedade ao longo de sua constituição. A contextualização desse fenômeno se dá nesse capítulo a partir da realização de um processo histórico de marginalização da condição de submissão feminina que vai desde a antiguidade, até algumas representações do movimento feminista, como a escrita da História das Mulheres e a apreensão de suas interfaces. E apresentar a protagonista da nossa pesquisa, onde explanaremos sobre sua trajetória de vida, destacando alguns pontos de sua família, casamento, filhos, e viuvez, destacando-se que é a partir dessa fase de sua vida que ela ingressará na vida pública. Seqüenciamos abordando a atuação de Bibia nos movimentos sociais da cidade de Santo Antônio de Lisboa que teve início em frentes religiosas com sua participação nos encontros da CEBS, e tomou posteriormente rumos políticos.

No segundo capítulo, destacamos a atuação política partidária de Bibia pelo Partido dos Trabalhadores, partido em que ela se lançou como uma das principais representantes e como fundadora do mesmo na cidade. Iremos analisar também suas ações na Câmara Municipal, na busca de beneficiar e trazer melhorias para sua cidade. Bibia foi vereadora no município por dois mandatos não consecutivos, mas no intervalo de um pleito e outro não ficou parada, e assumiu o cargo de Secretária de Obras. Nesse sentido ressaltamos a trajetória política de Bibia, relacionando sua história ao processo de lutas feministas na busca por igualdade de direitos políticos e sua ascensão nesse meio que vem acontecendo de forma tímida e lenta. Buscaremos nesse contexto, destacar alguns pontos dessa evolução em nível de Brasil, Piauí, e Santo Antônio de Lisboa.

Tal assunto será abordado também através de entrevistas realizadas com a protagonista da nossa pesquisa Maria de Jesus Filha (Bibia), seus companheiros Expedito Silva, Estevão Rocha e Nilvon Brito. Sendo bastante relevante tais entrevistas por ser com pessoas que participaram direta ou indiretamente com os fatos ocorridos na história política e social de Bibia. Pois, a entrevista com Bibia foi importante por se tratar da visão dos fatos da personagem principal; com o senhor Expedito Silva por ser uma pessoa que não participou efetivamente da fundação do sindicato e do PT, mas por estar presente, participando e contribuindo para que isso acontecesse; Estevão Rocha, por ser um companheiro que estava presente durante grande parte da trajetória social e política, o qual se candidatou a vice quando Bibia se candidatou a prefeita; e Nilvon Brito, não participou desde o início na

fundação do sindicato, porém posteriormente esteve participando das jornadas nas lutas por melhorias para o seu município. Sendo que estes se mostraram sempre disponíveis a compartilhar conosco suas memórias em busca de enriquecer os fatos abordados na pesquisa sobre os fatos da nossa história local. Tornando essa pesquisa menos difícil e mais prazerosa.

Outras fontes também se constituíram como instrumentos a serem utilizados em nosso trabalho, como documentos que vão desde atas de reuniões para a fundação do sindicato, atas de encontros do sindicato, atas das convenções do Partido dos Trabalhadores (PT), o Diário Oficial que notifica a abertura da (ACPPC), assim como requerimentos de suas petições políticas como para a instalação do Ensino Médio na cidade, como também certificados e diplomas, como a medalha recebida por Bibia no grau Cavaleiro pela Ordem Estadual do Mérito Renascença do Piauí, que confirmam o envolvimento de Bibia em movimentos de cunho social, político e sindical.

## **1 CONCEITO DE GÊNERO: A HISTÓRIA DAS MULHERES EM AÇÃO**

Nesse capítulo, buscaremos trilhar caminhos que nos levem a uma melhor compreensão dos aspectos pertinentes sobre a história das mulheres e a discussão de gênero. Para isso, é necessário que façamos uma contextualização de como se configurou a situação sobre a condição da existência feminina ao longo dos tempos. Neste será também apresentado o cenário preparatório para a fundação do sindicato, abordando desde sua participação nas reuniões da Igreja, nas reuniões das CEBs que acontecia nas paróquias (urbano) ou nas capelas (rurais) com a finalidade de informar as pessoas das camadas populares sobre seus direitos e estimulá-los a busca de melhorias, incentivando para fundação de um sindicato onde poderiam lutar com mais segurança.

Sabemos, que para que nosso objetivo se concretize, é necessário fugirmos um pouco do nosso recorte temporal 1980-2008 período este que dá ênfase a trajetória da vida política da senhora Bibia. Mas para que possamos situá-la melhor nesse contexto, nos propomos fazer essa discussão, para entender que a concepção de mais uma história da mulher que foi a luta para buscar seu espaço, se faz valer na quebra de paradigmas reinantes em torno da temática em questão.

O primeiro tópico trata-se do conceito de gênero em que é discutida a categoria das mulheres perante as diferenças de raça, classe, etnia, religião e sexualidade, existentes no seio do movimento feminista. Tal conceito que em um primeiro momento esteve totalmente ligado à rejeição ao determinismo biológico que naturaliza as desigualdades entre os sexos.

E por último, no segundo tópico a trajetória das mulheres em busca de espaço na sociedade ao longo dos tempos. Como a inserção destas no mercado de trabalho e nos movimentos sociais. Ou seja, a trajetória de uma classe que antes era relacionada apenas aos afazeres domésticos sem nenhuma participação em decisões públicas de âmbito social, político e econômico. E que com o passar dos anos, começa a lutar por direitos igualitários aos da classe masculina, e ganha papéis sociais no ambiente público.

### **1.1 Diversidade da categoria das mulheres perante o conceito de gênero**

A “segunda onda” do movimento feminista e as campanhas lançadas por ele estavam relacionadas à liberdade de seus corpos, à sua sexualidade, como também a uma melhoria nas condições profissionais, entre outras reivindicações. Essas manifestações ocorreram



paralelamente à inserção das mulheres nas universidades e a história das mulheres como um campo de estudo. E isso foi muito importante para a escrita da história das mulheres, onde os historiadores e historiadoras de mulheres encontraram força nesses movimentos, para assim buscar teorizar questões relacionadas à “natureza” dos papéis sociais, dos espaços destinados a homens e mulheres, e assim posteriormente, empreender a mudança para o uso do termo gênero nessas abordagens (BURKE, 2002).

Um importante fator que desencadeou esse processo de reivindicações e manifestações da insatisfação por parte das mulheres quanto a sua situação social foi despertado porque “os historiadores sociais, por exemplo, propuseram as ‘mulheres’ como uma categoria homogênea; eram pessoas biologicamente femininas que se moviam em contextos e papéis diferentes, mas cuja essência, enquanto mulher não se alterava” (SOIHET, 1998, p.277). Esse caráter homogêneo dado as mulheres, de início foi importante no sentido de despertar a identidade coletiva das mulheres como sujeita políticos. Mas, posteriormente, no final da década de 70 foi necessário estabelecer a “diferença” na categoria “mulheres”, visto que a idéia universal não abarcava as diferenças de classe, raça, etnia, religião e sexualidade, existentes no seio do movimento feminista.

O movimento feminista, associado à entrada das mulheres nas universidades, como já vem sendo discutido, foi indispensável para o surgimento da história das mulheres em nível de disciplina nas academias, entre outros benefícios conquistados na junção dos movimentos. Só que com o desenrolar dos acontecimentos, os teóricos do feminismo consideravam que o termo história das mulheres não era suficiente para abarcar a dimensão das idéias referentes a “mulheres” que num conceito geral tendia a ver os espaços e o papel social destinado a mulher como natural.

O uso do termo gênero foi muito importante, no sentido de estabelecer o aspecto relacional entre os sexos, pois os comportamentos ideais de homem e mulher estão presentes e varia de acordo com o momento histórico e cultural de cada sociedade. O gênero veio, não só para romper com os aspectos tidos como naturais e biológicos desses ideais, mas para afirmar que isso são construções culturais, aceitas como naturais, e o termo veio justamente para desnaturalizar essas questões (SCOTT, 1989).

A configuração característica dos papéis e dos lugares sociais destinados a homens e mulheres é um fator importante a ser estudado pelos teóricos do gênero, pois busca

compreender como se chegou a essa padronização dos “sexos”, onde ao homem era destinado o espaço público e a mulher o espaço privado, e entender essa questão era importante para a inserção dessa temática como campo de estudo. Nessa configuração, o homem também é simbolizado persistentemente pela força, virilidade, austeridade, e o domínio do poder, em contrapartida têm a figura feminina, representada pela mulher doce, frágil, indefesa e acima de tudo maternal, característica que universalizava a mulher, pois esta concomitantemente englobava todas as outras características. Isso porque a mulher maternal tem como dever a pureza, a dedicação, e a sensibilidade para o bom cumprimento de seu papel de mãe e esposa, uma vez que a maternidade só era bem vista dentro do casamento, e assim acontecendo, supostamente a mulher realizava sua missão na terra (SHOIHET, 1998).

A questão central na configuração dos lugares, papéis e tarefas sociais referentes a homens e mulheres, é totalmente cultural, sendo a cultura um fator imprescindível na construção dos discursos e dos símbolos que representam cada gênero. Segundo Adriana Piscitelli (2009, p.132) a atribuição dos valores não são determinados pelo sexo e sim pela cultura. A cultura tende a socializar posturas, determinando padrões e comportamentos ideais para cada gênero, mas é válido ressaltar que esses padrões estão sujeitos a questionamentos e modificações. Pois, as diferenças entre os sexos são construções históricas e culturais, mas que estão sempre sujeitas a mudanças com o tempo.

A discussão sobre gênero ainda é nova, assim como as pesquisas, teorias e conceitos formulados sobre essa temática. Joan Scott nesse sentido, seguindo as abordagens empreendidas por intelectuais como Michel Foucault, Jaques Derrida e Deleuze, considera que as perspectivas que dizem respeito às relações de poder e resistências, as noções de continuidades e discontinuidades existentes no processo de desconstrução crítica, sobre o caráter de fixidade da oposição binária entre masculino e feminino, são fundamentais no processo de desmistificação dos papéis e lugares sociais. Por isso, é necessário contextualizar o tempo, o espaço, assim como a natureza dos atores e das ações, que só podem ser analisados e determinados se esses fatores forem especificamente considerados (SCOTT, 1989).

Joan Scott (1989) considera que o gênero deve ser abordado como uma categoria útil de análise histórica porque este tem como fundamento a construção do sujeito. A partir das relações de poder e sua relação com a organização da igualdade e da desigualdade, que são reveladas pela construção das estruturas hierárquicas, baseadas em uma compreensão generalizada, da relação pretensamente natural entre masculino e feminino. Outro fator que

diferencia o estudo nas perspectivas de gênero é o interesse em identificar o sujeito dentro de cada contexto, e entender como se manifestam as referências recorrentes, pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado.

As pesquisas realizadas em torno da história das mulheres e da discussão de gênero, permeiam diretamente pelas lutas femininas em conquistar direitos, espaços, profissões, igualdade e respeitabilidade, assim como tem os homens. O movimento feminista, nesse contexto representou um papel crucial, para que pouco a pouco “as mulheres” conquistassem esses direitos, o que não foi e não é uma tarefa fácil, isso porque mesmo na atualidade como pode ser observado em nosso cotidiano e pela mídia, as mulheres continuam ainda a lutar pela ampliação e a igualdade de direitos em relação aos homens.

Contudo, diante dos movimentos de insatisfação, empreendidos por alguns grupos de mulheres que se iniciou na década de 1920 e chega aos nossos dias atuais, só que com uma nova configuração quanto às reivindicações, é que percebemos que como bem colocou Michelle Perrot (1988):

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por mais reais que sejam não bastam para contar sua história. Elas são presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência – à hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história (PERROT, 1998, p. 212).

Essa conclusão abrevia sinteticamente as leituras sobre a temática, onde percebemos que a mulher esteve e está sempre presente independente de tempo ou espaço. Como também ela não foi sempre submissa e subordinada, e que a concretização e afirmação dessas posturas se deu por conta de uma história contada, monopolizada e abreviada, que silenciou e disfarçou sua existência. Por esses motivos é que se deve construir, buscar e reencontrar uma nova história.

Segundo Bessa (2007), na fase pré-capitalista o espaço do trabalho e o ambiente doméstico eram coincidentes, e novamente a função reprodutora favoreceu a subordinação da mulher em relação ao homem. Além, do fato de ser considerada fisicamente mais frágil, portanto incapaz de dirigir um grupo familiar. Devido sua força física o homem foi associado à idéia de autoridade, ganhando poder dentro da sociedade, enquanto o papel da mulher ficava

cada vez mais restrito ao espaço doméstico, surgindo assim à sociedade patriarcal fundamentada no poder do homem.

A sociedade patriarcal permaneceu ao longo dos tempos incorporando as mudanças ocorridas na sociedade devido às transformações no modo de produção. A exemplo disso, se observa o papel da mulher na sociedade industrial. A Revolução Industrial e suas implicações incorporaram o trabalho da mulher fora do âmbito doméstico, no mundo fabril, levando-a a uma dupla jornada de trabalho. A ela cabia cuidar dos filhos, do lar e ter também um trabalho remunerado (BESSA, 2007).

Entretanto, a remuneração do trabalho feminino geralmente foi inferior a do homem. Segundo dados do Relatório Global Sobre Crime e Justiça da Organização das Nações Unidas-ONU, realizado em 1999, as mulheres ocupavam 36% dos empregos no mundo, no entanto recebem entre 30% e 40% do valor do salário dos colegas homens. Ainda há um agravante de que nos países em desenvolvimento a jornada de trabalho diária da mulher é 13% maior que a dos homens.

Este fato pode ter contribuído para a permanência da sociedade patriarcal, pois é sabido que o poder familiar fica centralizado na figura do pai, responsável por prover maior parte das necessidades da família. Além disso, sabe-se que a figura masculina representa maior poder na sociedade uma vez que, predomine nos cargos de chefia nas fábricas, cabendo geralmente a mulher o desempenho dos trabalhos manuais que requerem menos poder de decisão e mais esforço físico.

A sociedade capitalista inseriu a mulher no mundo do trabalho, despertou novos valores que instigaram várias mulheres a lutar por questionar a posição ocupada por elas na sociedade. Para Bessa (2007), na sociedade capitalista persistiu o argumento biológico como justificativa para a desigualdade estabelecida entre homens e mulheres, as quais eram vistas como menos capazes que os homens.

Os conflitos de gêneros podem ser percebidos na sociedade piauiense por meio do artigo “Imagens Tecidas pelo Tempo” de Pedro Vilarinho. Segundo esse autor a sociedade ocidental teria herdado do século XIX a valorização da família pautada pelo amor conjugal e materno. Para o autor:

A vida feminina no início do século XX transcorria principalmente no espaço doméstico, onde a mulher exercia seu papel social. O casamento, baseado no amor e na liberdade de escolha, fazia do lar um lugar privilegiado, de felicidade, que se completaria com a procriação e o conseqüente exercício da maternidade, vista como a atividade mais terna e invejável que a mulher poderia exercer. O lar era o espaço ideal para essa mulher, onde reinava soberana, tornando-o um lugar elegante, festivo, entretanto sem tumulto, sem banalidades. Essas deveriam ser as preocupações daquelas que desejassem conquistar para sempre o amor do marido e se perpetuar na memória dos filhos que deixassem a casa paterna. (BRANCO, 2000, p. 285).

Outra característica dessa sociedade era a separação entre o espaço público e privado, na qual o modelo aceito e valorizado impunha às mulheres, por serem consideradas mais frágeis e sentimentais, a ocupação do espaço privado, enquanto o homem por pautar seu comportamento no uso da razão deveria exercer suas funções sociais no espaço público.

As relações conjugais, por seu lado, deveriam ser pautadas no respeito e dedicação da mulher ao esposo. O homem tinha como garantia da sua supremacia na esfera familiar, o amparo legal que o colocava como cabeça do casal e ainda toda herança de tradições patriarcais que valorizavam os papéis de pai e marido. Outro aspecto relevante dessa supremacia masculina na esfera familiar era o fato de que os homens, principalmente da elite, exerciam suas funções nos lugares públicos, onde também participavam das questões políticas. (BRANCO, 2000, p.285).

Talvez essa herança tenha sido mais forte pelo fato de que, quando houve a proposta de emancipação feminina no início do século XX, a qual tinha como objetivo possibilitar as mulheres o mesmo direito reservado aos homens, a mulher viu-se diante do dilema de lutar por sua emancipação ou aceitar o papel que a sociedade tentava lhe impor.

No século XX, as mulheres iniciaram uma luta organizada em defesa dos seus direitos, os valores morais que lhes foram impostos no decorrer da história se tornaram obstáculos em sua reivindicação pelo direito à igualdade. O movimento contra a opressão por elas sofrida foi denominada feminismo. As mulheres assumiram uma posição feminista, sofreram discriminação por parte dos homens e mesmo por mulheres que aceitavam seu papel na sociedade patriarcal.

Ao analisar a sociedade piauiense atual percebe-se que muitas dessas características ainda estão presentes em sua constituição, tais como: a maior presença da mulher no espaço doméstico e a predominância masculina no espaço público, bem como sua maior aceitação no cenário político. Na década de 40 a mulher começou a ganhar espaço no mercado de trabalho, todavia no Brasil somente na década de 70 a mulher passa a atuar mais efetivamente no

mercado de trabalho. A mulher ainda está preponderantemente vinculada ao exercício de atividades ligadas ao ato de cuidar, como por exemplo, a maior parte dos profissionais nas áreas da enfermagem, da educação e em atividades como atendentes, babás, domésticas, entre outras funções vistas como exclusivamente femininas. Talvez isso se deva ao fato de que desde sua constituição a sociedade colonial brasileira reserve à mulher um papel de cuidadora da família e do lar o que implícito ou explicitamente, a coloca numa situação de inferioridade em relação ao homem, o qual devido sua força física superior, foi ao longo dos tempos ocupando o papel de provedor, chefe e, portanto “autoridade máxima” dentro do espaço doméstico/familiar (SOUSA, 2008).

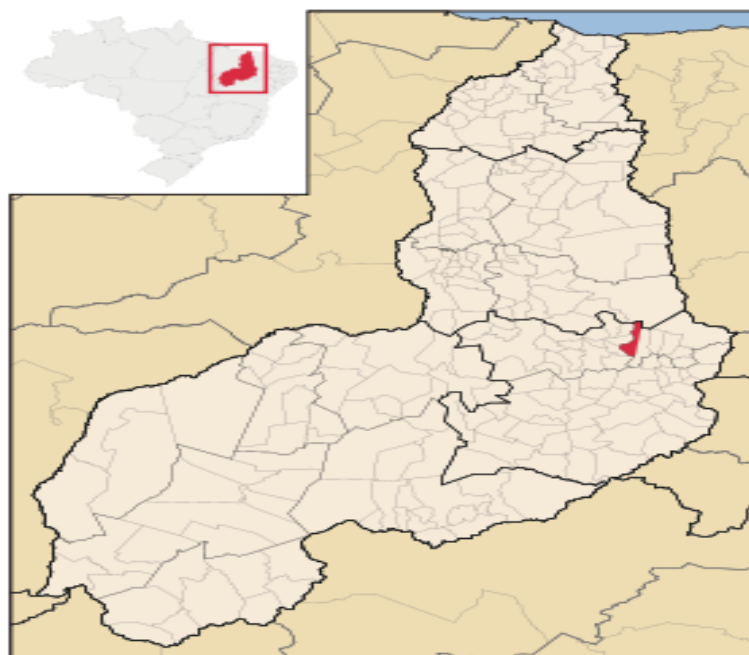
Assim, no interior do Piauí no início da década de 1980, uma mulher se destaca na sociedade como líder comunitária, Maria de Jesus Filha, conhecida pelo codinome Bibia, que a exemplo de outras mulheres pelo mundo sai da vida privada para ocupar cargos na vida pública. Inicialmente como líder religiosa, depois vindo a engajar-se nos movimentos sociais por meio do sindicato dos trabalhadores rurais, para em seguida se envolver na militância política partidária pelo PT (Partido dos Trabalhadores) no município de Santo Antônio de Lisboa.



Ilustração 1: Bibia.  
Fonte: Acervo pessoal de Bibia.

Santo Antônio de Lisboa é uma pequena cidade que fica situada no Sudeste do Piauí a 272,5 km de Teresina, capital do Estado. Sua emancipação ocorreu em 19 de dezembro de 1963 pela Lei Estadual número 2.560. A instalação do município se deu em 09 de abril de 1964, quando foi nomeado o senhor João Cirilo de Sousa primeiro prefeito de Santo Antônio de Lisboa (BRITO, 2009).

### Ilustração 2: Mapa de localização regional



WIKIPÉDIA, A enciclopédia livre. **Santo Antônio de Lisboa-PI**. Disponível em: <<http://www.pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 28 set 2012

Segundo dados da última amostra do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (2010), atualmente o município de Santo Antônio de Lisboa possui uma população estimada em 5.965 habitantes. Sua principal atividade econômica ainda é a agricultura, com ênfase na produção de caju. Entretanto, esta produção já não se restringe ao setor de subsistência visto que a cidade possui atualmente seis fábricas que fazem o beneficiamento do caju. Esta atividade está voltada para a exportação.

A cidade de Santo Antônio de Lisboa possui uma população de 2081 mulheres com idade igual ou superior a 10 anos de idade enquanto os homens compreendem 2079, havendo, portanto um equilíbrio quantitativo em relação aos sexos. Atualmente, na cidade de Santo Antônio de Lisboa a maioria das mulheres ainda são donas de casa, somente cerca de 820 mulheres possuem algum rendimento mensal e geralmente essa renda é direcionada para o lar.

Observa-se ainda que, as mulheres lisboenses que trabalham acumulam funções, pois, são elas as responsáveis pelo lar, pelo cuidado e educação dos filhos. Nessa perspectiva, considera-se que as famílias lisboenses são predominantemente patriarcais, compreendendo o patriarcado como um regime social em que o pai é a autoridade (IBGE, 2010).

Bibia nossa protagonista na pesquisa também esteve presente nos movimentos sociais e comunitários, como sua relação com a Igreja católica e seus desdobramentos tal como, sua participação na CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), que foram determinantes na sua projeção política e levaram-na a ser um importante membro na conquista de grandes feitos para a cidade.

Entre algumas de suas importantes contribuições para o progresso da cidade de Santo Antônio de Lisboa, destacamos aqui sua importante colaboração para a Fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais em 1987, para a Fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) em 1990, a instauração do Ensino Médio em 1998(já como vereadora do PT), como também seu constante apoio para cultivo e plantação do Caju, com a Fundação da Associação Comunitária dos Pequenos Produtores de Caju (ACPPC) em 1994, que é o principal produto de cultivo da cidade, que dá sustentabilidade a maioria das famílias da região e a todo comércio local que sobrevive com as safras do caju, lembrando que a cidade é conhecida em toda macro-região como à Capital do Caju.

Então, podemos dizer que esses acontecimentos foram os solidificadores de uma caminhada que teremos o prazer de conhecer nesta pesquisa e que serviram de base para seu engajamento na política partidária pelo Partido dos Trabalhadores no município.

É nesse cenário que Maria de Jesus Filha, Bibia, protagonizará uma caminhada semelhante a outras mulheres no mundo e no Brasil para se firmar como líder na sociedade em que vive, primeiro como chefe de família, depois na ausência de seu esposo como líder política. Bibia nasceu no dia 15/08/1929 na data Rodeador, antigo povoado pertencente ao município de Picos, que viria a se tornar a cidade de Santo Antônio de Lisboa em 1964 (BRITO, 2009). Filha de Elias Cândido de Moura e Maria Francisca de São José, agricultores residentes no pequeno povoado desde o nascimento. Estudou somente o primário (1ª série), lê e escreve com dificuldade. Assim como seus pais, ela sempre foi trabalhadora rural. Bibia casa-se com Aquiles Rodrigues de Carvalho (o mesmo também agricultor) em 10/12/1949 e em seu casamento teve 8 filhos. Em 1975 aos 46 anos de idade Bibia ficou viúva, na época ela



só tinha um de seus filhos casados e teve que ir a luta para criar, educar e dar sustento a sete filhos todos em casa ainda. Em meio a muitas dificuldades foi com seu trabalho na roça, contando com a ajuda de seus filhos e com uma vida religiosa muito ativa que eles continuaram a vida. Foram superando a ausência do chefe da família representado pelo pai, onde esse posto agora fica a cargo da dona Bibia, que além de conseguir desempenhar com grandes êxitos esse papel de provedora do lar, posteriormente estende sua garra a comunidade, representando os anseios de muitas pessoas, destacando-se como líder da categoria dos trabalhadores rurais do seu município.

Católica praticante foi também nesse momento de sua vida onde ela se dedicou ainda mais a prestar serviços a Igreja, assumindo a missão de ser coordenadora da Igreja. Responsabilizando-se de organizar eventos da igreja, cuidar de sua manutenção física, sendo responsável também por prestar conta das finanças da igreja, além de ter atuado como representante da Pastoral da Criança e do Adolescente na comunidade. Tarefas que ela executou do ano de 1987 até 2004. Podemos dizer que foi nesse período onde Bibia saí do espaço de seu lar, para ter um contato maior e mais direto com as pessoas do seu município pela prestação de seus trabalhos na Igreja, que ela passou a perceber os problemas de sua cidade com um olhar mais político, pois passou a perceber as coisas erradas que ela discordava, ter intenções de mudar e torna-lás diferentes. Neste contexto ela foi também um membro importante da CEBS (Comunidades Eclesiais de Bases) da Igreja.

O que motivou uma senhora dona de casa residente em uma pacata cidade do interior do Piauí a se envolver em movimentos sociais? O que motivou essa senhora mãe de 8 filhos a agregar a todas as suas responsabilidades, tarefas na vida pública? Para responder essas questões buscaremos conhecer um pouco da história da vida dessa trabalhadora rural e doméstica.

Em 1987 Maria de Jesus Filha dá seu primeiro grande passo em sua trajetória política, se aliando a algumas pessoas de seu município, com o propósito de fundar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o qual é fundado no dia 24/07/1988. Posteriormente, participa no dia 22 de maio de 1990, da fundação do PT (Partido dos Trabalhadores) e em 1992 Bibia candidata-se a prefeita de Santo Antônio de Lisboa pelo Partido dos Trabalhadores, mais não consegue se eleger. Em 1996 Bibia candidata-se a vereadora novamente pelo Partido dos Trabalhadores, e desta vez consegue ser eleita. Nas eleições do ano 2000, Bibia candidatou-se novamente a vereadora, porém nessa eleição não foi eleita perdendo por (dois) votos de

diferença para o candidato Francisco Cilton de Carvalho. Em 2004, já aos 75 anos de idade Bibia candidata-se novamente a vereadora e é eleita, demonstrando a firmeza e a exatidão de seu lema político “Experiência e Prática”, fazendo a diferença na política de Santo Antônio de Lisboa enquanto mulher, e por sua longa e experiente trajetória de vida como Mãe, esposa, trabalhadora, e política. E em 2008, se afasta da política, e seu filho Ajailton Rodrigues Lima da continuidade.

O capítulo seguinte tem por objetivo expor parte da trajetória da história de Bibia mostrando as dificuldades enfrentadas pelo grupo de trabalhadores em Santo Antônio de Lisboa-PI para a fundação do sindicato. Apresentando o papel da CUT e do MEB, como também sua atuação nos movimentos dos trabalhadores rurais, dentre outros movimentos ocorridos no Brasil, no Piauí e especificamente em Santo Antônio de Lisboa.

## **1.2 A história de movimentos sociais, sindicalistas e políticos de Bibia: Uma mulher em ação em seu tempo**

Será visto também a participação de Bibia na Igreja, pois, lá se encontra a cerne do desenrolar de toda sua história política e social na cidade de Santo Antônio de Lisboa-PI. Esta que trabalhou como coordenadora da Igreja foi tesoureira por vários anos e fez parte também da pastoral da criança e do adolescente. Dessa forma, tendo seu envolvimento na vida social da comunidade a partir da sua participação nas atividades da Igreja. Segundo Bibia<sup>1</sup>, seu envolvimento se deu através:

Aconteceu a gente participando das reunião na igreja, participando da assembléia, fazendo reunião nas comunidade com as, com... com os grupo de... de amigo, né? E também trabalhando , eu na igreja eu participei, passei 11(onze) ano seno coordenadora da igreja, fui tesoureira da igreja, trabalhei, ajudei na pastoral da criança 9 (nove) ano. Toda vida fui trabalhadeira rural. Trabalhava com meu povo na roça. Só trabalhava na roça, vivia de roça com minha família.

Desse modo, em se tratando da visão como pessoa, mulher, esposa (viúva), trabalhadora rural, dona de casa e mãe que precisa tomar de conta de seu lar, a Sra. Bibia aos olhos de seus companheiros de luta e as demais pessoas com quem conviveu e convivi é e sempre foi respeitada. De acordo com os seus companheiros de luta ela era uma pessoa

---

<sup>1</sup> FILHA, Maria de Jesus. Entrevista concedida a Ítala Loyane. Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

admirada que sabia correr atrás de seus objetivos com muita garra e persistência, estando sempre incentivando sua família a participar das atividades religiosas da Igreja. A imagem a seguir mostra Bibia e sua família na Igreja:



Ilustração 3: Irmãos, filhos, noras e netos de Bibia na Igreja de Santo Antônio de Lisboa-PI.

Fonte: Acervo pessoal de Maria de Jesus Filha.

Expedito Silva<sup>2</sup> destaca:

Eu admiro muito ela como uma trabalhadora rural, como política, como uma mulher religiosa, porque aqui na Igreja de Santo Antônio Bibia ela toda vida ela participou de tudo na Igreja, e ajudou e Bibia teve em frente de quase tudo com garra ajudando, e eu admiro muito, e eu acho que a nossa Igreja Bibia a sustenta toda vida, ela soube incentivar a família a ir pra Igreja, tem até as filhas que são umas ótimas cantoras da Igreja e hoje tem até você também que eu vejo cantando, uma ótima cantora, e eu acho que em tudo isso tem a mão de Bibia, é Bibia por o meu, por tanto é uma pessoa que eu admiro muito, eu admiro muito Bibia!

Além de admirada por sua garra e persistência de ir à luta por melhorias para a sua cidade, era também reconhecida pelos seus companheiros como uma liderança. Pois, era uma mulher viúva que tinha 8 filhos para cuidar, e além de ter que assumir com suas tarefas domésticas e maternal tinha competência para atuar nos mais diversificados movimentos, seja religiosos, sindicalistas ou políticos.

<sup>2</sup> SILVA, Expedito. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

Pesquisas realizadas mostram que para as trabalhadoras rurais os laços familiares são referências importantes na socialização da vida sindical. (...). Para muitas trabalhadoras, urbanas e rurais, a sindicalização não é motivada tanto pelos serviços e benefícios fornecidos pelo sindicato, mas responde ao desejo de fazerem algo em prol da categoria, de ajudarem algum familiar dirigente, ou de conhecerem por dentro a organização (PRIORI, 2002, p. 653).

Desse modo, o aspecto que se refere ao apoio familiar e dos amigos sempre esteve presente também na vida de Bibia. Como ela mesma afirma, quando fala em um trecho do seu depoimento sobre o seu engajamento na política, que desde cedo sua família deu apoio durante as suas lutas:

Muié, por eu ter muita coragem e fé eu não abaixava a cabeça não, só achava um pouco difíce porque eu não tinha muito estudo, mais meus fí Aldí e Ajailton sempre tiveram comigo, caminhando comigo nessa jornada política me ajudando, me orientando, com os papel me explicano as coisas, então eu enfrentei tudo esse tempo com coragem e não achei coisa muito difícil não. Com a ajuda do povo, o povo me ajudava e eu enfrentava qualquer coisa. Mas não achei muito difícil não<sup>3</sup>.

A seguir imagem de Bibia com seus oito filhos, no seu aniversário de 80 anos.



Ilustração 4: Bibia com seus oito filhos.  
Fonte: Acervo pessoal de Maria de Jesus Filha.

<sup>3</sup> FILHA, Maria de Jesus. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

Nesse sentido, para Lucilia Delgado (2006), a história oral é um processo metodológico que procura pela constituição do material de trabalho armazenar por meio de narrações induzidas ou estimuladas, depoimentos, comentários e versões sobre a história em suas variáveis possibilidades, seja baseado em fatos, tempo ou espaço. No entanto, que não seja um compartilhamento de uma história vivida, mas sim o registro de narrativas de uma história vivida.

Assim, tanto entender o passado como acionar a memória é um objetivo a ser alcançado pelo ser humano. Pois, a memória é a base fundamental das identidades reveladoras da multiciplidade congênita à vida humana. Logo, Memória e história, inter-relacionando-se através da fabricação de fontes orais, são procedimentos cognitivos por meio dos quais as pessoas de uma sociedade podem de maneira mais eficaz se auto-reconhecerem (DELGADO, 2006).

Assim, através de entrevistas com alguns membros que estiveram presentes durante esse caminho percorrido, buscaremos mostrar como se deu a participação da protagonista Bibia no panorama apresentado.

Segundo Thompson (1992), a história oral é estabelecida em torno dos indivíduos. Ela dissemina a vida dentro da história de modo que dilata o campo de atuação. Ou seja, reconhece heróis provindos não só dentre heróis, como também provenientes do povo, na maioria das vezes desconhecidos. Construindo uma história em que o herói é um agente encontrado dentro da comunidade, de classes sociais menos privilegiadas. Ajudando a formar pessoas mais completas, fazendo com que se sintam mais confiantes e capazes de se reconhecerem como agentes ativos dentro da história.

Segundo frei Betto (1985), as primeiras Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) surgiram em 1960 em Nísia Floresta arquidiocese de Natal (RN), sendo caracterizada a sua forma de organização os pequenos grupos que podiam ser formados por 10 ou 50 pessoas. Esses grupos podiam se reunir em torno da paróquia (área urbana) ou da capela (rural), sendo que sua formação se dava por iniciativa de leigos padres ou bispos. As CEBs são designadas de comunidade por reunir pessoas de uma mesma região, que tem os mesmos problemas e a mesma fé; são eclesiais por serem congregados na igreja como um núcleo básico de comunidade de fé e são de base por integrar as camadas populares, como as donas de casa, operários, trabalhadores rurais, subempregados, posseiros, arrendatários, pequenos proprietários, peões e seus familiares.

Para frei Betto (1985), essa nova forma de organização veio suprir uma necessidade da vida moderna que não comportava mais uma organização religiosa nos limites geográficos de

uma paróquia, onde o vigário ficava aguardando os fieis para distribuir os sacramentos. Com as pequenas comunidades de base as paróquias se transformaram em verdadeiras comunidades paroquiais onde os padres dividiam as atividades com os animadores.

Os animadores das CEBs eram chamados de agentes pastorais: padres, religiosos e leigos. Sendo, agentes pastorais leigos, as pessoas que deixavam o seu trabalho e família para viver exclusivamente do trabalho pastoral em algumas dioceses que tinham condições financeiras para assumi-los, e em outros casos que não havia tais condições para supri-los os agentes pastorais atuam nas horas vagas sem remuneração. Os agentes pastorais eram pessoas que moravam em bairros populares onde assessoram as CEBs tomando o cuidado para que os próprios participantes coordenassem as comunidades, porque eles eram os verdadeiros sujeitos da história. A Assistente social Adelina Baldissera em estudo sobre as CEBS ao tratar do surgimento dessa pastoral afirma:

A emergência das CEBs, constituídas de elementos de classes subalternas no interior da Igreja-Instituição, é o resultado da coexistência de práticas pastorais divergentes, reflexo de uma concepção de mundo e de Igreja. Elas não são um fato isolado, desagregado, uma unidade autônoma, mas fazem parte de um conjunto mais amplo e complexo da Igreja. É, de certo modo, um indicativo do caminhar teológico – pastoral e uma expressão de sua “opção preferencial pelos pobres” (BALDISSERA, 2012, p.54).

Desse modo, em geral os membros das CEBs eram as pessoas semi-analfabetas, de remuneração salarial baixa que habitavam pequenos casebres nas periferias das cidades, ou em barracos em favelas. E na zona rural, os que habitavam em pequenos sítios ou próximo de cidades, que preservavam a cultura popular e que organizavam as missas, as festas dos santos e elaboravam o roteiro da celebração. Os membros da CEBs encontravam dentro da igreja o espaço de participação popular castrado pela Ditadura Militar que se instalara no Brasil a partir de 1964, período da tomada do poder pelos militares 1961-1985, que proibia qualquer organização popular, como os sindicatos, por exemplo. No entanto, a igreja era a única instituição brasileira em que os militares não podiam interferir. A renovação da igreja iniciada com o concílio vaticano II e propagada na América Latina por meio da reunião de Medellín em 1968, aproximou a hierarquia da igreja das camadas populares que se encontravam cada vez mais distante do Estado e encontravam na igreja o espaço para a sua organização. Assim a igreja tornou-se, por meio das CEBS, um espaço de organização e mobilização. Priori (2002, p.646) coloca:

A mobilização das mulheres rurais não se forma na prática sindical, mas a partir de debates sobre as condições de vida realizadas em pequenos grupos, a maioria de matriz religiosa ligados às pastorais, mas também grupos de matriz laica formados a partir das mobilizações de resistência às expulsões dos moradores das fazendas. É importante registrar que, em todos esses casos, são as mulheres que tomam a iniciativa de promover as reuniões, organizá-las e dirigi-las. Cabe, no entanto, observar algumas características dessas organizações.

Em Santo Antônio de Lisboa – PI não foi diferente, de acordo com o Caderno de Atas dos Trabalhadores, no domingo dia 20 de abril de 1986 acontece uma reunião com os lavradores contando 30 participantes. Nesse encontro o presidente do Sindicato de Francisco Santos (cidade vizinha), Luís participa junto com o Padre Hermínio que fala sobre a organização do povo, onde as pautas da discussão estavam em esclarecer o que é um sindicato (para que serve, como funciona) e como criar o sindicato? Ao fim desta reunião, fica concluído que deviam fundar um sindicato. Entre os representantes de cada comunidade fica estabelecido: José Manuel Veloso (Sítio Salvador); Jacó (Lagoa do Canto); Ione (Acampamento); Sitonho (Santo Antônio); Expedito (São José); e Cândido Pedro (Torrões). Neste encontro foram apontadas entre as principais temáticas: a vontade de se organizarem; a falta de condição e de organização; o desinteresse; o fato do povo não acreditar no companheiro; a feira comunitária; a luta de terra para projetos comunitários; e a construção de um galpão comunitário.

Desse modo, de acordo com o colocado pela nossa protagonista Bibia<sup>4</sup> as CEBs teve muita importância na orientação católica, em especial da classe pobre e trabalhadora. Segundo Bibia, foi com essa caminhada que ela descobriu o valor de estar dentro da Igreja participando de romarias lutando por água, por terra, dentre outras necessidades do povo menos favorecido. E, além disso, a caminhada para um futuro melhor para a classe dos trabalhadores rurais, a fundação do sindicato e a luta de maneira mais segura.

Nessa perspectiva, o entrevistado Estevão Rocha<sup>5</sup> diz que foi a partir das CEBs que nasceu tudo, por isso ela foi tão importante. A Igreja Católica foi bastante ativa em incentivar as pessoas a se organizarem e a lutarem por seus direitos, sendo que os debates nos encontros eram promovidos por as CEBs. E a partir desses encontros orientados pelas CEBs ocorreram discussões sobre conhecimentos sobre os direitos dos trabalhadores, sobre a luta por questões sociais e a organização de um sindicato, promovendo ideias mais esclarecidas e definidas. Explanando com os cristãos deveriam viver.

---

<sup>4</sup> FILHA, Maria de Jesus. Entrevista concedida a Ítala Loyane. Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

<sup>5</sup> ROCHA, Estevão. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

Participando dessa mesma opinião, Expedito Silva<sup>6</sup> coloca que a Igreja Católica ajudou bastante no que diz respeito a aprenderem a se organizarem, a ter mais conhecimento dos direitos dos trabalhadores rurais e a fundarem o sindicato. Sendo isso, através da ajuda do Padre Hermínio e Dom Augusto. A imagem a seguir mostra a reunião de cidadãos lisboenses no salão paroquial da igreja:



Ilustração 5: Encontro das CEBs no Salão Paroquial da Igreja para orientação do grupo de trabalhadores rurais com o objetivo de fundar o sindicato.

Fonte: Acervo pessoal de Maria de Jesus Filha

O entrevistado Estevão<sup>7</sup>, fala das dificuldades encontradas para se reunirem em Santo Antônio de Lisboa-PI nos encontros das CEBs quando já articulavam fundar um sindicato para os trabalhadores rurais no município. Segundo ele:

Nós encontramos muitas dificuldades, uma é que não aceitavam... o poder político da época, municipal aqui não aceitava a gente se reunir em lugar público assim, não permitia nossas reuniões em escolas, do sindicato, nem de partido político assim...porque adversário né! Então nós fizemos um apoio assim, a gente se reunia no salão da Igreja que o padre permitia, nas casas de nossos amigos. Então, o poder público não permitia nossas

<sup>6</sup> SILVA, Expedito. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

<sup>7</sup> ROCHA, Estevão. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.



reuniões, diziam que esse negócio de sindicato, isso era coisa de comunista, eles tentavam desarticular o movimento.

O seu companheiro Expedito Silva<sup>8</sup> destaca:

[...] o sindicato rural que na época não tinha aqui em Santo Antônio, mais eu já era sócio de sindicato em São Paulo e eu já sabia as vantagens que tinha os associados que eram os trabalhadores, mais aqui em Santo Antônio, ainda não tinham, mais eu comecei a animar. Mais se tornava muito difícil pra nós, porque aqui era assim, se fosse um movimento político, se um qualquer político corrupto ou demagogo convocasse uma reunião uma assembleia aí na praça, enchia a praça; mais se nós convidasse pra uma reunião pra nós falar sobre os direitos trabalhistas, tentar explicar, tentar organizar os trabalhadores num comício pra ninguém, então, nós, eu, junto com a dona Bibia, Estevão, e outros mais, e com a ajuda da Igreja Católica, nós fomos pra luta.

Como podemos ver de acordo com a fala dos entrevistados, essa época tratava-se de um período de ditadura marcado pela censura, então era muito difícil organizar reuniões, principalmente quando era para tratar de assuntos inovadores como a organização da classe de trabalhadores e que tinha opiniões divergentes das do poder público atual. Desse modo, eram advertidos como comunistas e muitos foram os impasses sofridos por estes para a formação de um Sindicato para defender as causas específicas da classe dos trabalhadores rurais. E assim, as reuniões aconteciam no salão Paroquial da Igreja Católica.

Entre os principais representantes das CEBs em Santo Antônio de Lisboa – PI destacam-se o Padre Hermínio, a irmã Socorro Leal, com Pedro Manelo do Nascimento, foi seu Gabriel Ferreira com a família, foi Maria Francisca Rodrigues, foi Maria de Dezim, Estevão, Nilvon Batista, Mercê a mãe de Nilvon.

Hermínio Pegorari nasceu em Caspoggio, na província de Sondrio, Itália, no dia 2 de fevereiro de 1935. Foi ordenado sacerdote em Santo Ambrósio de Milão em 18 de março de 1961. Durante cinco anos foi animador vocacional na região de Lombardia, atividade que mais gostava de desempenhar. No ano de 1966, veio para o Brasil, onde permaneceu durante 30 anos. Foi missionário inicialmente em João Neiva, Espírito Santo. Em 1972 foi para Taguatinga, cidade-satélite do Distrito Federal. Posteriormente, mudou-se para Picos, estabelecendo-se na paróquia de São Francisco de Assis, no bairro Junco, na qual foi o fundador. E em 1982 vem para nossa cidade onde fica até 1986, quando a sua congregação – a dos missionários combonianos, determina a sua volta para Itália. Porém, devido a sua

---

<sup>8</sup> SILVA, Expedito. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

insistência volta para o Brasil, onde permanece até 1996 quando volta para Itália vítima de mal incurável (BRITO, 2009).

Segundo Nilvon Brito (2009), o Pe. Hermínio é considerado um dos mais respeitáveis religiosos que trabalharam em Santo Antônio de Lisboa devido a sua dedicação a comunidade e aos vínculos de amizade aqui feitos, em decorrência de sua bondade e a pureza do seu coração. Foi pároco da nossa cidade entre os anos de 1982 a 1986, sendo característica do seu trabalho a sua dedicação em todas as comunidades. Pois, estava presente nas organizações das Comunidades Eclesiais de Base e da Pastoral da Juventude e da Criança. Era admirado pelo seu bom relacionamento com os jovens e as crianças, com quem com grande facilidade conquistava a amizade e o respeito. Confiava na possibilidade de uma sociedade menos injusta e mais democrática, que se obtivesse por meio da conscientização e organização das classes mais pobres. Destacando-se por sua enorme capacidade de convencer as pessoas a acreditar em seus sonhos. A seguir temos a foto do Padre Hermínio:

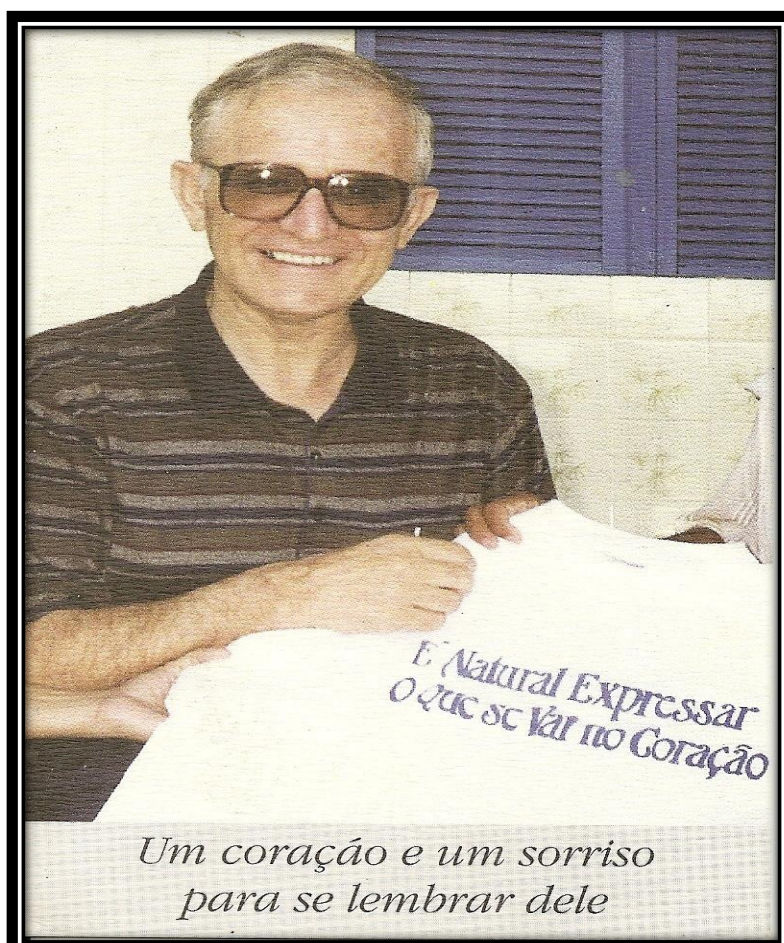


Ilustração 6: Padre Hermínio.  
Fonte: Acervo pessoal de Maria de Jesus Filha

Porém, foram muitas as dificuldades enfrentadas. Segundo Expedito Silva<sup>9</sup>, alguns comerciantes estavam querendo tomar frente, porém durante uma missa na Igreja o Padre Hermínio soube que estes estavam com a intenção de fundar o sindicato, então pediu a senhor Pedro Néó (Pedro Manoel do Nascimento assumiu durante muito tempo a árdua tarefa de dirigente da Igreja) que fosse avisar a seu Expedito para que instituíssem logo o sindicato porque se não ia ser fundado por outra categoria diferente das dos trabalhadores. Confirmando algumas dessas dificuldades temos parte do seu depoimento:

Aí tudo pra político é mais fácil, aí quando foi duma hora pra outra, quando nois demo fé, um grupo tava querendo tomara a frente de nossaa idéia. Foi quando um dia eu cheguei do trabalho, e eu tava em casa, e tinha acontecido uma missa na parte da de manhã, aí quando o Padre sob disso, aí o Padre disse pois agora vocês vão ter que fundar o sindicato dos trabalhadores, que era o Padre Hermínio. Aí eu tava em casa quando defé o senhor Pedro Néó chegou em casa e bateu na minha porta, eu fui atender ele, e ele disse “ Expedito eu vim aqui trazer um recado do Padre Hermínio, ele disse que agora vocês são obrigado a fundar o sindicato de calquer jeito, num era nem assim que a Igreja queria fundar o sindicato não, porque a Igreja queria fundar, era quando todo mundo tivesse consciente do que era o verdadeiro sindicato, mais chegou a hora de fundar porque se não fundar agora outros, de outras categoria vai fundar o sindicato usano o nome de vocês, e isso num vai ser bom, vai se tornar um sindicato pelego, em vês de trabalhar a favor do trabalhador, vai trabalhar é contra. Então eu perguntei a Pedro Néó e então agora como é que vai ser os primeiro passo nosso, ele disse bom, o primeiro passo nosso é amanhã, você e Aldí vai lá pra o MEB, lá tem duas pessoa pra te acumpanhar, vai levar vocês lá na Central Única dos trabalhador, vão treinar vocês e vão dar a documentação.

Assim, durante essas reuniões segundo o depoimento do Senhor Expedito<sup>10</sup> foi onde o padre Hermínio, a irmã Socorro, Erivan Lima e Osmar Araújo quem incentivaram e ajudaram a criar o sindicato em Santo Antônio de Lisboa – PI. Este fundado no dia 24 de julho de 1988, sendo seus principais representantes: Bibia, Aldí (filho de Bibia), Expedito, Nilvon, Gabriel Ferreira, Dona Maria de Seu Bié, Estevão, Maria Helena do Sítio Salvador, Dona Perpéta do Sítio Salvador, João Barbosa, dentre outros que participavam e tinha interesse em criar o sindicato neste município. Cujo objetivo era construir uma sede para lutar com mais segurança, pois com a criação do sindicato teriam mais força para ir em frente. No entanto, algumas dificuldades são enfrentadas durante esse propósito, como por exemplo, o fato de outras pessoas da classe comerciante e empresarial local, oposta a dos trabalhadores estarem querendo tomar a idéia que se originou dos encontros das CEBs do grupo de trabalhadores, em fundar o sindicato. Segundo Bibia, eles queriam tomar a frente da idéia que eram deles

<sup>9</sup> SILVA, Expedito. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

<sup>10</sup> Idem

(dos trabalhadores/ da categoria) para poder ter mais domínio sobre os pobres, e manipulá-los mais ainda.

De acordo com Estevão<sup>11</sup>, também existiam questões econômicas. Pois, não tinham recursos financeiros para fazer as reuniões, então o grupo arrecadava entre eles mesmos dinheiro para arcar com as despesas para receber o pessoal que vinha dos interiores/ de outros setores, e assim, realizar as reuniões. A oposição dizia que as ideias sindicalistas eram coisa de comunista, porém, mesmo assim teve um grupo que continuou sempre a participar.

Portanto, segundo Priori (2002, p. 643), é entre 1979 e 1985 que se amplia ligeiramente a “mobilização de diferentes setores da sociedade exigindo a redemocratização do país, inaugurando novos conflitos e sacudindo o imobilismo das organizações de representação de classe”.

Dentre os órgãos de apoio para fundação do sindicato e o incentivo às lutas por melhorias, destacamos o MEB (Movimento de Educação de Base) que de acordo com Osmar Fávero (2004), foi criado pela CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em 1961, com objetivo de desenvolver um programa de educação de base através de escolas radiofônicas, nos estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país. Sua invenção teve apoio de diversos órgãos federais e estaduais, tendo colaboração também do Ministério de Viação e Obras Públicas, o período responsável pela permissão dos canais de radiodifusão, tendo em vista acelerar os procedimentos de criação e desenvolvimento de emissoras católicas. O objetivo primordial do MEB consistia em prover a educação de base às populações das áreas menos desenvolvidas do país, como o já citado Norte, Nordeste e Centro-Oeste, de forma a valorizar o homem e o erguimento da comunidade. Segundo Osmar Fávero, o MEB se propunha:

- a) executar, naquelas áreas, programa intensivo de: alfabetização, formação moral e cívica, educação sanitária, iniciação profissional, sobretudo agrícola e promoção social;
- b) suscitar, em torno de cada escola radiofônica, a organização da comunidade, despertando-lhe o espírito de iniciativa e preparando-a para as indispensáveis reformas de base, como a da estrutura agrária do País;
- c) velar pelo desenvolvimento espiritual do povo, preparando-o para o indispensável soerguimento econômico das regiões subdesenvolvidas e ajudando-o a defender-se de ideologias incompatíveis com o espírito cristão da nacionalidade (MEB, 1961, p.23 apud FÁVERO, 2004, p.4).

---

<sup>11</sup> ROCHA, Estevão. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

No entanto, com decorrer dos anos apesar do MEB ter reduzido muito a radicalidade da forma de trabalho, perdido bastante sua vitalidade e ter sido afetado pela política de 1964, a temporada de 1961 a 1966 teve momentos muitos produtivos, tendo conhecimentos práticos e fetios teóricos sem igual.

Não obstante o fim do MEB, de acordo com Almeida (2011), surge no início da década de 1980 com a CUT (Central Única dos Trabalhadores). Sendo uma entidade sindical que tem sua constituição relacionada a uma viva disputa advertida no cenário sindicalista entre grupos que tinham concepções diferentes para a união do movimento operário, naquela ocasião. Tal divergência norteou a formação de uma Central Sindical que unisse e organizasse as lutas da classe dos trabalhadores brasileiros, denominada de CONCLAT, realizada em 1981, durante a I Conferência da Classe Trabalhadora. E finalmente em 1983, devido a esse conflito foi fundada a Central Única dos Trabalhadores num Congresso realizado em São Bernardo do Campo – SP, que deveria ter sido a II CONCLAT.

No entanto, Almeida (2011) adverte para os aspectos relacionados à definição de uma evidente distinção entre um “novo” e um “velho” sindicalismo. Pois, o primeiro corresponderia ao sindicato pelego ligado ao Estado que não representava os interesses dos trabalhadores, sendo que seus atributos deveriam ser combatidos, exterminados e superados. Como algo que deva ser consertado e jamais ser seguido. E então, a respeito do segundo surge a CUT que tem como objetivo explícito:

[...] a ruptura com a estrutura sindical oficial e a construção de uma nova espécie de organização pela própria classe operária, rompendo logo de cara com o verticalismo que assolava os trabalhadores em suas categorias. A CUT teria surgido, em contraposição ao “velho” sindicalismo, como um espaço de organização sindical e ação política de seus trabalhadores da cidade e do campo, uma organização capaz de aglutinar camponeses, operários, servidores públicos, enfim, sua existência tinha como sentido primordial unificar as lutas operárias no Brasil (ALMEIDA, 2011, p.6).

Em Santo Antônio de Lisboa – PI, segundo Estevão Rocha<sup>12</sup>, observa-se que a CUT (Central única dos Trabalhadores) uma entidade que agrupava os sindicatos rurais teve papel importante nas coordenações dos movimentos. Esta que convocava o pessoal dos sindicatos com intuito de organizar e incentivar estes a lutar pelas justas causas e melhorias para o povo trabalhador. Ele diz: “Então foi uma articulação mais por parte da CUT que é uma entidade, uma central que congrega os sindicatos rurais, a CUT, e nós esteve convocados através da

---

<sup>12</sup> ROCHA, Estevão. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

CUT, com os movimentos (...)”. A seguir a foto expõe os encontros dos membros da CUT para orientação à classe dos trabalhadores rurais.



Ilustração 7: Reunião de membros da CUT de Picos em Santo Antônio de Lisboa onde podemos ver o filho de Bibia Ajailton discursando.

Fonte: Acervo pessoal de Maria de Jesus Filha

Nessa perspectiva, os lisboenses Estevão, seu irmão Adelaíde, Bibia e os seus filhos Aldí e Ajailton orientados pela CUT vão à Brasília representando Santo Antônio de Lisboa em 1988, período da elaboração da Carta Magna do país - Constituição do Brasil que é válida até hoje. Ocasão em que se registra também a busca por melhorias no âmbito dos trabalhadores rurais. Segundo Estevão Rocha<sup>13</sup>:

[...] lá era o período da Assembléia Nacional Constituinte, sobretudo pedindo, solicitando, dando força para aprovação das leis dos trabalhadores rurais, da aposentadoria rural, porque na época que foi promulgada a Constituição o benefício do trabalhador rural era apenas de meio salário, [...] ficamos vários dias lá alojados, em algum alojamento de frente ao Congresso, tudo, reivindicando, então nós estivemos presentes, Santo Antônio esteve presente, marcando presença nesse momento tão importante da história do nosso país. Então foi uma articulação mais por parte da CUT [...] com os movimentos, e aí já tinha o partido também. E aí foi onde pela primeira vez nós tivemos a oportunidade de sentar pra conversar mais LULA, nessa época ele era Deputado Federal, pelo Estado mas como ele era

<sup>13</sup> ROCHA, Estevão. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

deputado constituinte ele veio no alojamento onde a gente estava. Nós estávamos acampados em frente o Congresso, aí como era muita gente a gente não tinha acesso lá dentro, mas aí ele visitou o alojamento onde a gente estava, e isso tinha muita gente do Piauí, pessoas de muitos municípios estavam representados.

Como mostra a foto a seguir, a reunião em Brasília reuniu pessoas de vários estados do Brasil.



Fotografia 8: Reunião de brasileiros de vários estados e municípios do Brasil em Brasília no período da Constituição de 1988.

Fonte: Acervo pessoal de Maria de Jesus Filha

### 1.3 A criação do Sindicato dos trabalhadores rurais em Santo Antônio de Lisboa

Desse modo, segundo Vito Giannotti (2007), no início do século XX surgem várias confederações sindicais de nível internacional. Com os países se industrializando aparecem as greves, e junto com elas as primeiras duas centrais sindicalistas que existem até hoje: a TUC na Inglaterra e DGB na Alemanha. Assim, pouco a pouco vão surgindo centrais em outros países como: a AFL em 1881 nos EUA; a UGT em 1881 na Espanha; e a CGT em 1895 na França.

Em se tratando do Brasil, de acordo com Vito Giannotti (2007), no dia primeiro de maio de 1907, ocorrem as greves reivindicando direitos de trabalho nas principais cidades industriais do país. Dentre elas, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Diante das greves a

burguesia reforça os ataques aos trabalhadores, e, então, acontece a primeira medida no começo do ano – o Decreto Governamental nº1.637 que regulamentava a criação dos sindicatos e cooperativas no país.

E no Piauí, pesquisas mostram um dos primeiros sindicatos a ser fundado no Estado foi o de Campo Maior em 1962, cidade localizada a aproximadamente 60 Km da capital Teresina, fundado oficialmente na Fazenda Matinhos. Sendo a primeira organização de apoio aos trabalhadores rurais na cidade, tendo como referência os princípios contidos no estatuto da organização rural trabalhista do engenho Galiléia<sup>14</sup> em Vitória de Santo Antão, Pernambuco, através da fundação da SAPP - Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco (ATANÁSIO, 2013).

Nessa perspectiva, no dia 24/07/1988 os trabalhadores rurais de Santo Antonio de Lisboa liderados por Bibia conseguiram fundar o sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município. Na ocasião estavam presentes o Sr. Osmar Araújo (na época Vice Governador do Estado), Erivan Lima (jornalista que fez o rascunho da ata de fundação do sindicato), as irmãs Zilma e Socorro, Joaquim Pedro (Sindicalista de Francisco Santos), outras personalidades também importantes na fundação do sindicato foram: Aldi Lima (filho de Bibia), que foi eleito o primeiro Presidente da diretoria provisória, Estevão de Araújo Rocha (o secretário), Francisco Alves Ferreira (tesoureiro) e Delmira Alves Nogueira como suplente do tesoureiro. Para Bibia<sup>15</sup>:

Foi com a fundação do Sindicato, que os trabalhador rural do município passaram a se ver enquanto classe, e passaram a se organizar politicamente mostrando que tinham voz e vez diante da sociedade. Foi com esse novo espírito que os trabalhador rural se organizaram em uma nova empreitada, que foi a de fundar o Partido dos Trabalhador no município.

Porém, ressaltamos o motivo pelo qual Bibia não foi eleita presidente do sindicato. Segundo Expedito Silva<sup>16</sup>, Bibia não concorreu a diretoria do sindicato porque o filho dela Aldi estava também à frente do movimento, por ser homem e ter mais disponibilidade para resolver as questões relacionadas a essa categoria.

---

<sup>14</sup> Engenho localizado em Vitória de Santo Antão, cidade pernambucana em que no início da década de 50 um grupo de agricultores se uniram e criaram uma associação, sendo palco das primeiras atuações sindicalistas dos camponeses.

<sup>15</sup> FILHA, Maria de Jesus. Entrevista concedida a Ítala Loyane. Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

<sup>16</sup> SILVA, Expedito. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.





Ilustração 9: Principais membros do sindicato de Santo Antônio de Lisboa – PI. Bibia à esquerda.

Fonte: Acervo pessoal de Maria de Jesus Filha

De acordo com a ilustração, observa-se que Bibia representa uma minoria feminina em um local de uma predominante presença masculina. No entanto, percebe-se também o comparecimento efetivamente de trabalhadores rurais, mostrando o apoio ou interdependência destes na organização da fundação do sindicato e do PT (Partido dos Trabalhadores).

Então, é nesse contexto que a nossa protagonista Bibia se encontra. Engajada em movimentos religiosos, em causas dos trabalhadores, nas reuniões sindicalistas, e em movimentos sociais locais que se destaca pela sua competência em liderar e lutar pelas justas causas e melhorias para o povo do seu município.

Conforme, Cavalcanti (2005), no decorrer século XX as mulheres travaram lutas por seus direitos e pela segurança de melhores condições de vida e trabalho. Devido a isso, refere-se com frequência que este século que se inicia será o das mulheres, tão veloz e expressiva foi o progresso de sua categoria nas últimas décadas do XX, especificamente porque a batalha deixou de ser vinculada somente à questão de sexo, mas se modificou como um fator de inquietação em âmbito mundial. De uma luta, inicialmente, travada para “sair” do ambiente privado, ocupar lugares públicos e o direito de cidadão, o procedimento histórico vivenciado nessa época foi compassado pelo enfrentamento e pela procura das mulheres em ter os direitos dos quais estavam privada, um trabalho diverso do esperado anteriormente, uma ordem excludente e de minorias camufladas. Segundo Margareth Rago:

Embora as mudanças culturais e mentais sejam muito difíceis e custosas, esse regime de verdade foi questionado e derrubado, à medida que a acelerada modernização socioeconômica, desde a década de 1970, no Brasil, levou milhares de mulheres ao mercado de trabalho e que o feminismo emergente passou a pressionar incisivamente por uma redefinição de seu lugar na sociedade. A mudança foi tão radical que, hoje, dificilmente alguém ousaria afirmar, como outrora, que a mulher não tem capacidade mental ou condições físicas para ser uma boa governante, dirigente política, empresária, engenheira, juíza, médica, delegada ou esportista, para ater-me às profissões tidas com tipicamente masculinas. Além do mais, as pesquisas acadêmicas têm trazido à tona uma longa história de lutas, resistências e profunda determinação, desfazendo as imagens da passividade e da submissão atribuídas também às mulheres brasileiras (RAGO, 2004, p.32).

Segundo Piori (2002, p. 643), a frutífera conversa entre coordenações sindicalistas e animações populares, induz a relevantes inovações nas maneiras de lutarem dos trabalhadores: “difunde-se o uso de abaixo-assinados, passeatas, manifestações nas comunidades, audiências e diálogos diretos com os poderes públicos, prefeituras, secretarias de administração municipal, estadual e até federal”. A próxima fotografia mostra a Sra. Bibia à frente, conduzindo uma passeata em defesas dos direitos dos trabalhadores, junto com a comunidade na busca de melhorias:



Ilustração 10: Bibia a frente de uma passeata no dia do trabalhador.  
Fonte: Acervo pessoal de Maria de Jesus Filha

Estevão Rocha<sup>17</sup> enfatiza,

[...] Bibia na minha avaliação ela sempre foi a maior liderança que eu já conheci em Santo Antônio de Lisboa, porque ela era uma pessoa que tinha as obrigações de casa, tantos filhos e tudo, mas ela sempre estava atuante em todos os movimentos, seja nas reuniões da Igreja quando começou, na organização, na administração da Igreja, no sindicato esteve presente em todos os movimentos, no partido político, então em todos os movimentos ela foi muito atuante, Bibia.

Podendo ser observado na trajetória de suas lutas, várias conquistas dentre algumas que veremos mais detalhadamente no próximo capítulo. De acordo com o nosso outro entrevistado Expedito Silva<sup>18</sup>:

Eu vi esses movimentos de Bibia muito importante, tanto que muita coisa boa que já aconteceu aqui em Santo Antôni, eu acho que se não fosse com a força e o incentivo de Bibia e da Igreja Católica não tinha acontecido, por tanto eu vejo que Bibia é uma senhora que ela tem pensamento positivo, ela vai a luta, e ela sabe o que quer.

Assim, Alberti (2010, p.183) coloca que a entrevista da história oral é preciso que seja vista como um “documento-monumento” conforme denominado pelo historiador francês Le Goff. Pois, segundo o autor, por muitos anos refletiu-se sobre “documento” como um resquício neutro e prático do passado atribuído várias vezes a avaliação de prova. Ao contrário, o “monumento” seria caracterizado a valores intencionais, uma vez estabelecido a partir da perpetuação das lembranças, como festas comemorativas, obras de arquitetura e escultura públicas. “A ideia de ‘documento-monumento’ traz essa intencionalidade para o próprio documento, cuja produção resulta das relações de força que existiram e existe nas sociedades que o produziram”.

É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz deve ser em primeiro lugar analisado desmitificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador a não fazer o papel de ingênuo. [...] um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem,

<sup>17</sup> ROCHA, Estevão. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

<sup>18</sup> SILVA, Expedito. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos (LE GOFF apud ALBERTI, 2010, p.183).

Para Meihy (2005, p.158), a história de vida consiste em uma narrativa que contém a história de muitas experiências da vida de uma pessoa, sendo por isso, uma das formas mais utilizadas do gênero. Sendo assim, aspectos como vida cultural, social, política e econômica devem fazer parte da história do entrevistado. O mesmo instrumento de exame sobreposto à história oral de família pode utilizado para a pesquisa de outras sociedades institucionalizadas, como por exemplo, as classes profissionais, congregações esportivas, políticas ou religiosas. “É sempre a partir dos objetivos orientadores das propostas agremiativas que se orientam as histórias orais de vida, que devem responder à relação entre os indivíduos, e os objetivos do grupo ou comunidade”.

Ao que diz respeito à convivência no sindicato com a senhora Bibia, todos os entrevistados demonstraram ter uma relação harmoniosa. Segundo, os relatos obtidos sobre Bibia, mostram que ela era uma mulher muito inteligente que tinha boas propostas, sabia como enfrentar as dificuldades e trabalhar em grupo. “Nois via ela como uma pessoa muito inteligente, e nois respeitava muito ela, o fato dela ser mulher nunca atrapaiou em nada, apenas ela tinha idéias boas, ela tinha corage de enfrentar, de ir a luta”<sup>19</sup>.

E “é justamente na confluência entre a herança histórica do sindicalismo e as lutas pela melhoria das condições de vida que começa a perceber que a população trabalhadora engloba ambos os sexo”, cada qual com seus cargos e responsabilidades familiares (PRIORI, p.644, 2002). Assim, é a partir dessas manifestações e desses movimentos que se começa a pensar e rever muitos conceitos, como o de cidadania e o de divisão de trabalho.

Contudo, como se pode observar ao longo do exposto Bibia encontra-se sempre entrelaçada na luta de justas causas em prol de melhorias para o seu município. Estando presente, participando e atuando nos aspectos relacionados à religião e aos movimentos trabalhistas. E também, aos sociais e políticos, como veremos no próximo capítulo.

---

<sup>19</sup> SILVA, Expedito. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

## **2 A PARTICIPAÇÃO DE BIBIA NA POLÍTICA E A POSSÍVEL MUDANÇA DE CURSO DA HISTÓRIA: UMA VOZ FEMININA**

Neste capítulo, discutimos sobre a participação das mulheres na política, levando em conta a trajetória de Bibia na história política em Santo Antônio de Lisboa. De modo, a ser abordado à história das mulheres no Brasil, Piauí e em Santo Antônio de Lisboa; depois a história do PT também nessa mesma perspectiva - Brasil, Piauí e Santo Antônio de Lisboa; e por último a identificação de Bibia com a política partidária pelo PT.

Segundo Rago (2004), as palavras mostram diversas das transformações sociais e culturais de um período, porque são carregadas de historicidade. A denominação “mulher pública”, por exemplo, é reveladora de uma longa história de invariáveis discriminações e imposições ostensivas contra as mulheres, mas também de intensos deslocamentos, aquisições e conquistas alcançados pelas mulheres. Há 30 anos essa designação era relacionada à comercialização sexual do corpo, nos bairros periféricos dos grandes centros urbanos. Sendo que a denominação “mulheres públicas” era relacionada a “mulheres alegres” ou a “mulheres da vida”, longe de ser associada a representações positivas.

Para Rago (2004), ser mulher até mais ou menos o final da década de 1960 implicava em encontrar um bom marido, ser uma boa mãe, dona de casa que se preocupasse apenas com os afazeres domésticos contidos no âmbito domiciliar que não necessitasse de muito esforço físico e nem mental. Porém, por outro lado, encontravam-se as que andavam livremente pelas ruas, praças e bares, comprometendo sua moral, e, além disso, sendo alvo de perseguição policial e de outras formas de violência.

Esses paradigmas históricos sobre os ideais de homem e mulher se mantiveram intactos por muito tempo, simplesmente sendo aceitos como a ordem natural das coisas. Com o passar do tempo, brechas começaram a ser abertas, dando origem a questionamentos e reivindicações das “mulheres” sobre sua situação social e a igualdade entre os sexos, o que se transformou posteriormente no movimento feminista, que finalmente conseguiu de alguma forma conceder o respeito e alguns direitos civis que até então elas não possuíam (PISCITELLI, 2009).

Foi somente no Brasil, com a Constituição Federal de 1988 que a mulher conquistou a igualdade jurídica, ou seja, se uma pessoa deixa de ter direitos porque é mulher, ela está sendo vítima do crime de discriminação. A constituição Federal no seu artigo 5º inciso 1º diz que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, mulheres e homens têm os

mesmos direitos e obrigações. O artigo 7º inciso 30 proíbe a diferença de salários, de exercício de funções e critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (CONSTITUIÇÃO, 1988).

Segundo Godinho (2004), apesar de a formalidade dos direitos políticos através do voto tenha sido adquirida pelas mulheres brasileiras em 1932, seu comparecimento como agente ativo político coletivo que luta por direitos individuais e igualitários em vários aspectos e que discute a submissão familiar e individual aos homens, só surgiu em 1970, com a emergência dos movimentos feministas num processo de esfera internacional marcado por grandes transformações na área trabalhista e educacional forçadas por intensos movimentos sociais e culturais.

Em se tratando das mulheres piauienses, segundo Branco (1996), no fim do século XIX e início do século XX, do mesmo lado que tinha o pensamento que definia o espaço privado e as obrigações com a casa e os filhos como incumbência feminina, abre espaço para outra proposta, que procurava emancipar a mulher. A finalidade era autorizar às mulheres os mesmos direitos antes protegidos aos homens. Emancipar as mulheres era especialmente ampliar o sufrágio universal a elas e abrir as mesmas oportunidades igualitárias em aspectos referentes ao setor educacional e ao mercado de trabalho.

No início do século XX, a discussão era em torno do direito da mulher votar e ser votada. Nesse momento, as candidaturas femininas com raras exceções, aconteciam com mulheres ligadas a chefes políticos, não tinham o propósito de rivalizar com o homem os espaços públicos, tão pouco assumia discursos feministas, que seria a luta por igualdade, liberdade e espaço para as mulheres na vida pública. Nesse momento inicial de participação política, as poucas candidatas se ocupavam de defender os interesses políticos da família. A primeira mulher eleita prefeita no Brasil se deu em 1928 e se chamava Luzia Alzira Soriano Teixeira, filha do coronel Miguel Teixeira de Vasconcelos, no município de Lajes – RN (SOUSA, 2008).

Segundo Sousa (2008, p.12), no Piauí a primeira mulher a ocupar o cargo de vereadora foi Maria Guadalupe Lopes de Lima, eleita em 1955, ela apresenta um perfil completamente diferente das primeiras mulheres a ocupar espaço na política. Mulher independente, advogada e jornalista, na cidade de Teresina. Somente em 1958 é que se dá a primeira eleição de uma mulher para o cargo de prefeita no Piauí na cidade de Buriti dos Lopes, Zezita Cruz Sampaio.

As mulheres envolvidas na política no Piauí emanam, com raras exceções, num contexto político decorrente da atuação de seus pares, consortes ou pai. Alguns exemplos dessa situação são os casos de Josefina Costa, Miriam Portela, Carleuza Santos e Maria José Leão. E as exceções, a jornalista Elvira Raulino, a deputada federal Francisca Trindade e poderíamos citar aqui Maria de Jesus Filha, Bibia, que assim como as demais citadas conquistaram seu espaço sem serem advindas de uma família tradicional política. Os nomes aqui citados não expressão totalidades, mas destaque nessas situações (SOUSA, 2008, p36).

Nas décadas de 1970 e 1980 observa-se o aumento da participação feminina na política. A participação nos movimentos sociais inseriu novas maneiras de sociabilidade e oportunidades para a classe feminina fora do contexto familiar. Passa a ocorrer um crescente número de mulheres presentes nas grandes concentrações de movimentos sindicais e nos ambientes políticos partidários e parlamentares, mesmo observando-se que nestes locais ainda predominava um maior número de homens. No fim da década de 1980, as mulheres começam também a se engajarem nos movimentos rurais:

Se a presença maciça é incontestável nos movimentos populares desde a década de 1970, também no âmbito sindical e da política partidária novos desafios vão se apresentando. Fortemente minoritárias nas direções, a década de 1990 presenciara as mulheres em disputa pela entrada nos espaços de direção política e sindical. Concebidas em um período de intensos processos de auto-organização e organização das mulheres nos espaços mistos, as estratégias de entrada nas direções sustentadas por políticas de cota frutificam em um período em que os processos de organização e a participação mais estruturada perdem peso, alimentando fortes contradições entre o espaço formal aberto e o efetivo exercício do poder e da direção, para não mencionar a pressão conservadora sobre as reivindicações pela igualdade entre homens e mulheres (GODINHO, 2004, p.151-152).

No caso das mulheres que representam seus parentes na política, Sousa (2008), ressalta que sua atuação na política, quase sempre se dá pelo fato dessas assumirem as secretarias de assistência em seus municípios e daí se destacarem na política. Na impossibilidade dos maridos, por questões políticas ou impedimentos judiciais essas assumem as candidaturas já que o nome configura entre os eleitores como serviço prestado por conta da atuação assistencialista. As coisas colocadas dessa forma, sem uma análise mais aprofundada, parece não haver uma história das mulheres, que os espaços conquistados foram uma concessão masculina, uma inserção na vida pública como um arranjo. Sousa (2008) confirma que em partes se dá dessa forma mesmo, contudo, existiu um processo de lutas, reivindicação e conquista que possibilitou a outro grupo de mulheres a inserção na política como um desdobramento dessa luta.

Ao comparar a trajetória política de Bibia e a inserção da mulher piauiense na vida pública, percebemos que existe uma aproximação e ao mesmo tempo um distanciamento dos motivos do engajamento político. Bibia não trazia um discurso feminista, no entanto, quando concorre à prefeitura de Santo Antonio de Lisboa em 1992 foi uma grande novidade para a cidade, não somente pelo fato de uma mulher disputar um cargo executivo, mas também principalmente por está rivalizando com um homem, Francisco Licínio de Carvalho, político renomado e carismático, que disputava seu segundo mandato com a popularidade em alta.

O fato de uma mulher disputar um cargo executivo não era inédito na região, pois, na cidade vizinha, Francisco Santos, Carleuza Santos já havia disputado três mandatos executivos, no entanto, a sua atuação se deu pela iniciativa do marido, Isaac Batista de Carvalho eleito em 1965 o primeiro prefeito de Santo Antônio de Lisboa e deputado estadual em 1966, empresário e líder político na região. Com o passar do tempo é que ela ganha autonomia política. Dessa forma podemos dizer que sua atuação política não é resultado de uma luta feminista. Apesar de não ser novidade também não era muito comum. No ano de 1992 Trindade concorre a uma vaga na câmara de vereadores de Teresina, mas não se elege ficando na suplência do vereador Welligton Dias, com o afastamento dele para assumir a assembléia em 1994 ela assume a vaga de vereador. Para termos uma idéia da pouca participação feminina na política do Piauí quando a deputada Trindade assumia o parlamento em Teresina no ano de 1994 ela foi a terceira mulher em toda a história do legislativo. No entanto podemos perceber o aumento significativo do número de candidatas eleita (ESTIMA, 2009).

De acordo com Nalva Sousa (2008), no Piauí nas eleições de 1992 e 1996 em mais de 200 cidades ocorre à ascensão da presença feminina em relação às eleições da década de 1980. O número de mulheres nas cidades piauienses durante as três décadas aumenta, mostrando que nas eleições municipais a inserção das mulheres na política era cada vez maior. Desse modo, observa-se que a década de 1990 efetivou conquistas dos períodos anteriores, como o fim do regime de ditadura militar e a democracia, incentivadas pela publicação da Constituição de 1988.

Número de mulheres eleitas no Piauí na década de 1990.



**Tabela 1: Número de mulheres eleitas no Piauí na década de 1990**

ANO	CARGO	MULHERES ELEITAS
1990		Nenhuma mulher eleita
1992	Prefeitas	8
	Vereadoras	127
	Total	135
1994		Nenhuma eleita
1996	Prefeitas	17
	Vereadoras	272
	Total	289
1998	Dep. Estadual	2
	Total	2

Fonte: SOUSA, 2008, p. 44.

Esse bom desempenho feminino nas urnas se deve em partes a diversos fatores como o fim da Ditadura Militar e a promulgação da constituição de 1988. A performance feminina nas urnas aumentou ainda mais com a conquista da Lei 9054, em 1990 estabelecendo a cota mínima de 30% de vagas para as mulheres em toda as eleições. A tabela mostra a evolução da participação feminina na política piauiense quando salto de oito prefeitas e 127 vereadoras em 1992 para 17 prefeitas e 272 vereadoras em 1996 (SOUSA, 2008).

## 2.1 O Partido dos Trabalhadores

O PT nasceu nas lutas operárias em São Bernardo do Campo no final da década de 1970. Logo a ligação do PT com teologia da libertação acontece também nacionalmente, e o Partido foi fundado no dia 10 de fevereiro de 1980, em evento no Colégio Sion, em São Paulo. O surgimento do partido foi impulsionado, entre outros fatores, pela popularidade do movimento operário do ABC paulista, com as grandes greves de 1978 a 80, pelo retorno de diversos militantes de esquerda do exílio, com a Anistia, em 1979, e a ascensão do movimento de base da Igreja Católica, inspirado na Teologia da Libertação. O berço das manifestações foi o estádio da Vila Euclides, em São Bernardo do Campo, onde aconteciam as assembléias do sindicato dos metalúrgicos do ABC lideradas por Luiz Inácio Lula da Silva que articulava os metalúrgicos em suas greves, havendo as primeiras grandes manifestações populares no país desde o fim dos anos 60.

Segundo Secco (2011), no ato de fundação do partido estavam representando o movimento, operários, intelectuais universitários, comunidades eclesiais de base e militantes da esquerda clandestina (muitos oriundos da luta armada). Assim nascia o PT no Brasil na década de 80, partido que participará de todas as eleições, embora nos anos iniciais conquiste apenas algumas prefeituras e vagas no parlamento.

Nesses primeiros dez anos, o PT é visto como partido da baderna e da reivindicação sem proposta, mas aos poucos assume posições institucionais no Brasil e cria nos parlamentos, nas câmaras de vereadores, nas prefeituras uma imagem do partido ético que irá desaparecer nas décadas seguintes quando o pragmatismo político mudará as práticas políticas do partido. Assim, a sua consolidação no plano eleitoral vem nos anos 90 após o impeachment de Fernando Collor. Em 1989, o alagoano derrotara Luiz Inácio Lula da Silva, no segundo turno das primeiras eleições presidenciais diretas do país desde os anos 60 (SECCO, 2011).

Segundo Sousa (2008), somente em 1990, o Brasil inicia um novo regime com um novo presidente da República eleito pelo voto direto, Fernando Collor de Melo, o primeiro presidente eleito pelo voto popular após o regime militar.

No ano de 1994, após vários meses liderando as pesquisas de opinião pública, Lula perde a eleição para Fernando Henrique Cardoso, então ministro da economia do governo Itamar Franco e mentor do bem sucedido plano Real que prometia acabar a inflação no país. Em 1998 o partido tem uma nova derrota nas urnas novamente Lula e FHC disputam as eleições. Somente em 2003 Lula vence a eleição presidencial novamente rivalizando com o PSDB dessa vez o tucano José Serra, sendo reeleito quatro anos depois em uma nova disputa com o PSDB derrota Geraldo Alckmin. Em 2010 o partido indica uma mulher para concorrer a sucessão de Lula, Dilma Rousseff que é eleita a primeira mulher presidente do Brasil (SECCO, 2011).

No Piauí, o primeiro encontro Estadual do PT aconteceu em 1980 quando foi formada a comissão provisória do partido e eleito o seu primeiro presidente local, José Pereira da Silva, trabalhador rural de Floriano. Dois anos depois os primeiros trabalhadores rurais das fileiras do recém criado partido foram eleitos. Os primeiros eleitos pelo PT no Piauí foram Chaguinha da Viola, Zé Carvalho e Maria do Carmo, que chegaram à Câmara de Vereadores de Esperantina. Mas, não somente os trabalhadores rurais egressos do interior fortaleciam o

partido, existia um grupo de militantes da capital do Estado que mobilizava e fortalecia o partido, segundo a revista teoria e debate:

A capital do Piauí era o principal centro urbano do Estado e já apresentava, na época, um alto nível de politização. Uma das maiores manifestações da campanha pelas eleições diretas ocorreu lá. [...] Para além dos processos eleitorais, vários movimentos contaram com o apoio e a participação da militância petista: luta pela anistia, contra a carestia, pelo direito de greve, pelas eleições diretas, pelo fim da ditadura e, nos anos 1990, pelo impeachment de Collor. As primeiras eleições em Teresina foram marcadas pela presença maciça dos setores populares nas chapas do PT. Eram lideranças que surgiam das associações de moradores e de profissionais. O primeiro vereador petista de Teresina foi Antônio José Medeiros, eleito em 1988, atual secretário de Educação do estado. O partido passava a ter o reconhecimento da população e votos. Na Assembléia Legislativa, Nazareno Fonteles, hoje deputado federal, fez o PT estrear no Parlamento estadual [...] A petista Flora Isabel foi eleita pela primeira vez em 2002. (ESTIMA, 2009, p.42).

Nessa perspectiva, podemos perceber a participação feminina no PT desde a sua criação quando entre os primeiros eleitos no estado estava uma mulher, Maria do Carmo em Esperantina. Para Flora Isabel, em depoimento a mesma revista que aqui analisamos, o partido foi responsável por trazer para a assembléia estadual não somente a discussão dos movimentos populares como também sindical, inaugurando a discussão de gênero, mostrando que a política ainda é um universo machista e como as mulheres estão preparadas para conduzir esse estado a uma condição de desenvolvimento humano e social (ESTIMA, 2009, p.43).

Segundo Frei Beto (1985), a prática de refletir sobre os problemas sociais a luz do evangelho dentro das CEBs levou inevitavelmente a uma prática política e o surgimento de um discurso próprio das CEBs que ele chamou de “discurso religioso politicamente libertador”. Que levou a formação de movimentos sociais como clube de mães, loteamentos clandestinos, associações de seringueiros, posseiros, trabalhadores sem terra, grupos de jovens, de operários, sindicatos, etc. As CEBs não ficavam limitadas somente ao espiritual como afirma Adelina:

Disso pode-se observar que as CEBs não se restringem somente ao aspecto espiritual, mas também tocam fundo nos problemas do cotidiano e estão imersas em contradições de natureza social e política. Embora estejam inscritas no bojo da dimensão religiosa, uma vez que vêm sendo organizadas, incentivadas, apoiadas e assessoradas pela Igreja (Hierarquia) têm atuação mais ampla de caráter social e político (BALDISSERA, 2000, p.54).

Dessa forma, a prática religiosa das CEBs levou inevitavelmente à militância política partidária que se deu no Piauí, sobretudo, dentro do Partido dos Trabalhadores. Aonde já se tem uma nova conjuntura política no Brasil que é a abertura política com o fim do Regime Militar, onde vários grupos políticos saem da clandestinidade e passam a atuar na legalidade unindo militantes egressos dos movimentos operários, anistiados políticos, intelectuais e ativistas das pastorais. Segundo Antônio José Medeiros, o início do PT no Piauí os militantes nesse estado nunca tiveram uma posição de esquerda firme. O PT nesse Estado começou através da Igreja, sendo que as lideranças mais autênticas vinham das Comunidades Eclesiais de Base (ESTIMA, 2009).

Dessa forma, de acordo com o depoimento de Antônio José Medeiros a origem do PT no Piauí esta ligada intrinsecamente ao ativismo pastoral sem a tradição de uma esquerda clássica apoiada em uma teoria marxista. Os militantes fundadores em sua maioria eram egressos das CEBs fundamentados na teologia da libertação. E assim, contextualizando a situação, percebemos a total afinidade e sintonia de atitudes e pensamentos entre os nossos entrevistados nessa pesquisa como Bibia, Estevão e Expedito, com a fala citada de uma liderança política no Piauí (o Senhor Antônio José), onde todos ressaltam que as bases da caminhada política que fortaleceram o PT no Estado com seus novos desafios e suas conquistas foram oriundos dos encontros das CEB's e sua aliança política com as minorias locais.

Para o senhor Estevão<sup>20</sup>, a fundação do PT ocorre depois de várias reuniões onde eles discutiam as ideias de como se organizarem, e tais encontros aconteciam a níveis locais em Picos. Estevão relaciona o processo como comparado a uma escala onde primeiramente foi os encontros das CEB's em que discutiam sobre seus direitos e as formas de como se organizarem, depois o sindicato e posteriormente, o PT constituindo-se este em uma organização em que conseguem algumas conquistas de seus direitos agora através do âmbito político.

Nesse contexto, de acordo com a senhora Bibia<sup>21</sup> a fundação do Partido dos Trabalhadores se deu porque eles viam na luta dos trabalhadores uma história muito bonita e então se imaginavam fazendo parte desta luta. "... como nós via a luta de muitos do PT e nós via que nós construindo o nosso partido nós ia seguir nessa linha procurar a nós ser nessa

---

<sup>20</sup> ROCHA, Estevão. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

<sup>21</sup> FILHA, Maria de Jesus. Entrevista concedida a Ítala Loyane. Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

linha de trabalhador rural”. Segundo ela, os participantes da fundação do PT foram os mesmos do sindicato.

No entanto, para Nilvon Batista<sup>22</sup> a história do PT de Santo Antonio de Lisboa não começa nas reuniões a níveis locais em Santo Antônio de Lisboa e muitas vezes em Picos. Para o mesmo, que atuou também como um dos membros fundador do partido a história do PT de Santo Antonio de Lisboa tem inicio nas eleições estaduais de 1986:

É nessa eleição que começa aparecer um grupo de pessoas defendendo o partido dos trabalhadores aqui na nossa cidade, entre eles a pessoa de Bibia, mas quem articulou a vinda dos candidatos do PT aqui foi o nosso grupo de jovens, o qual eu liderava, juntamente com Demerval Sousa, Estevão de Araújo Rocha entre outros companheiros. A campanha estava polarizado entre o candidato do PFL Freitas Neto e Alberto Silva do PMDB, sabíamos que o candidato do PT Nazareno Fonteles não tinha chances, mas naquele momento o que pretendíamos era mostrar para a sociedade que tínhamos uma alternativa e que o partido dos trabalhadores estava presente na cidade mostrando que era possível fazer política de outra forma. Bibia na época era coordenadora do conselho da igreja e não tinha nenhum envolvimento político, mas deu total apoio ao grupo, organizamos um comício com a presença do candidato a governo pelo PT, Nazareno e os demais candidatos a deputados e senadores, o evento aconteceu em cima de uma camionete emprestada e a divulgação foi feita com um megafone emprestado pelo padre Erminio. Essa foi a primeira manifestação pública do PT em Santo Antônio.

Com os mesmos interessados da criação do sindicato - Bibia, Aldí, Expedito, Nilvon, Gabriel Ferreira, Dona Maria de Seu Bié, Estevão, Maria Helena do Sítio Salvador, Dona Perpéta do Sítio Salvador, João Barbosa dentre outros em Santo Antônio de Lisboa – PI e nessa etapa ainda com o forte apoio do grupo de jovens da cidade, com suas novas idéias e anseios políticos, como coloca Nilvon, ainda assim, foram muitas as dificuldades encontradas na fundação do PT. Dentre elas podemos citar segundo Estevão Rocha<sup>23</sup> o fato do poder político da época municipal dominante não permitir a organização de reuniões de partidos adversários, dizendo que o negócio de PT era coisa de comunista e que ninguém se deixasse levar pelas propostas. Durante a primeira eleição, no período da pré-campanha os pais proibiam seus filhos de votar quando estes diziam que iriam votar no PT, havendo casos em que os pais prendiam os títulos eleitorais dos seus filhos como forma de proibir que estes votassem de maneira alguma no PT. Além destas, menciona-se o aspecto econômico, o Partido dos Trabalhadores em Santo Antônio de Lisboa – PI, não tinha dinheiro para gastar

<sup>22</sup>BRITO, Nilvon Batista. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

<sup>23</sup>ROCHA, Estevão. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

nas eleições, diferentemente do partido que estava na situação política na cidade há algum tempo e atuava na época. Segundo Estevão Rocha<sup>24</sup>:

Também existia muito as questões econômicas, nós não tínhamos condição pra fazer as reuniões, eu lembro que a gente convocava as reuniões, e as pessoas que vinham mais de longe dos outros setores, Lagoa do Campo, Carvalhos, Torrões, Acampamento, Serranópolis, como eles vinham de longe a gente queria oferecer uma merenda pra eles, então como a gente não tinha recursos de dinheiro, a gente arrecadava entre nós mesmo um pouquinho de dinheiro, pra comprar a merenda, uma refeição, uma coisa pra eles comerem. A questão de transporte também, a gente tinham se organizar pra dar um jeito pra essas pessoas de fora virem, a gente arcava com as despesas porque não tinha recursos pra isso.

No movimento de fundação do partido no município de Santo Antônio de Lisboa Bibia tem uma participação ativa, no que diz respeito à motivação e empenho. E assim no ano de 1990 o partido passa a existir legalmente na cidade, 10 anos após o partido ser fundado no Brasil e no Piauí. Para Nilvon Batista<sup>25</sup>:

A criação do partido foi um processo natural e esperado, emanávamos de um momento forte que foi a campanha para presidente do Brasil, quando Lula perdeu para Collor, essa campanha mobilizou os jovens, os trabalhadores rurais e os intelectuais da cidade. Agora não era mais só um grupo de jovens com idéias e atitudes revolucionárias existia uma articulação entre estudantes e trabalhadores rurais por intermédio de D. Bibia que mobilizava os simpatizantes para a fundação do partido.

Pelo depoimento de Nilvon Batista vimos que Bibia esta ligada ao PT desde os momentos iniciais do partido no município, no entanto sua participação é a princípio bem modesta. Em suas lembranças Nilvon enfatiza um aspecto ainda não abordado pelos demais depoentes, que focalizaram a fundação do partido, como uma extensão das lutas dos trabalhadores rurais, e Nilvon já acrescenta também a fundamental participação do grupo de jovens do município nessa empreitada, no qual ele fazia parte. Então, aí é onde percebemos que mesmo a memória muitas vezes sendo coletiva, o indivíduo é quem memoriza, e fala de acordo como viveu os episódios acontecidos.

Uma memória coletiva se amplia através de vínculos de convivência do cotidiano familiar, escolar, profissional. Ela entrelaça entre os membros, junta, distingue, retifica e passa a limpo. No entanto, “por muito que deva à memória coletiva é o indivíduo que recorda.

---

<sup>24</sup> Idem

<sup>25</sup> BRITO, Nilvon Batista. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

Ele é memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (BOSI, 1994, p.411).

Em Santo Antonio de Lisboa o partido dos trabalhadores é formado no dia 22 de maio de 1990, quando em uma reunião com simpatizantes do partido e membros do Diretório Estadual e do Diretório de Picos é eleita a comissão provisória, que segundo a ata de formação do partido, foi formada por José Aldi, filho de Bibia, Nilvon Batista, Estevão de Araújo Rocha, José Vilsimar e a própria Bibia.

Bibia já trazia consigo uma veia política desde muito nova vendo seu pai buscando participar de movimentos sociais e políticos de Santo Antônio. Seu pai já havia sido candidato a vice-prefeito juntamente com o senhor Pedro Vicente candidato a prefeito em 1988 (BRITO, 2009), perdendo a eleição. Mas os desejos políticos de mudança foram sempre muito fortes, e Bibia como diz um velho ditado popular: foi “atingida pelo verme da política”. Em 1992 Bibia candidatou-se pela primeira vez ao cargo público de prefeita de Santo Antônio de Lisboa pelo Partido dos Trabalhadores, e assim como seu pai não conseguiu se eleger, só que diferentemente dele Bibia continuou firme e forte na política, não desanimando com a derrota e se candidatando posteriormente para ao cargo de vereadora, onde foi eleita por dois mandatos não consecutivos.

A entrada de Bibia<sup>26</sup> na política se dá a partir do encontro em uma das reuniões em que os participantes articulam a candidatura da mesma. Em suas palavras ela descreve seu posicionamento a respeito:

Eu tinha muita coragem de ser uma política e o povo me apoiava e dizia que eu devia ser uma política, porque era muito opiniosa com as coisas... eu gostava muito do povo e o povo dizia que eu fosse uma política e foi assim como surgiu a eu ser uma candidata a prefeita do Partido do Trabalhador, no grupo todos combinava e dizia que devia ser eu a candidata.

Sendo considerada Bibia por seu companheiro Estevão<sup>27</sup> candidato a vice da sua candidatura, como uma figura muito importante por fazer uma forte oposição. Pois, naquele tempo havia uma política diferente da de hoje, sendo menos democrática. Não era em qualquer lugar que se podia reunir para discutir sobre assuntos de movimento popular, ou seja, não havia liberdade para expor suas ideias e muito menos divulgá-las para não convencer

---

<sup>26</sup> FILHA, Maria de Jesus. Entrevista concedida a Ítala Loyane. Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

<sup>27</sup> ROCHA, Estevão. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

o outro de sua posição caso fosse contrária ao poder predominante. Lembrando que a decisão de Bibia ser candidata a prefeita, Estevão a vice, Adelaíde a vereador não foi minoritária e sim uma disposição de todo o grupo em que estavam os principais representantes da Lagoa do Canto, Sítio Salvador, Acampamento, Serranópolis e Torrões, membros da cidade e de todas as localidades vizinhas que faziam parte do grupo.

Seu outro companheiro de luta Expedito<sup>28</sup> destaca que o fato de Bibia ser mulher não impede que ela participe da política. Iria ser difícil ganhar porque o partido oposto se tratava de uma coligação muito forte, mas a candidatura dela foi boa e ela não tinha nada a perder, apenas a ganhar.

Retomando o depoimento de Estevão<sup>29</sup> agora falando a respeito de terem perdido a eleição, compartilhando da mesma ideia de Expedito ele justifica dizendo ser pelo fato de estarem competindo com um partido tradicional que já estava atuando há muitos anos. Porém, mesmo assim foram bem votados demonstrando suas propostas serem bem aceitas.

Ainda se tratando da perda da eleição de 1992 para prefeita, Bibia<sup>30</sup> coloca ser:

Porque eu não era bem perparada, era pobre e não podia pensar em ganhar de Chico Licínio. Nós começemos dar os primeiros passos na política, não quisemos ter coligação, entremo sem coligação, sabendo que ia tirar era 10 votos. A gente sabia que ia perder, mas tivemos a coragem de se a candidatar apoiados aí por este povo que eu já falei. Mais nós inté que fomo foi bem votado, ficamo em segundo lugar, o povo gostava de nós, de nossas idéias, mais a gente sabe que hoje pra ser um político, é preciso ter muito dinheiro e nós não tinha, nós tinha era muita vontade de trabaiar mais dinheiro mermo pra gastar numa campanha nós num tinha, e pra ganhar uma eleição ainda mais sendo oposição como nós era, pra tomar uma prefeitura de uns político poderoso que já tava a muito tempo no poder era preciso ter muita condição, e nós num tinha.

Foi ainda em 1992 segundo Bibia<sup>31</sup> que em visita ao Estado do Piauí, e também ao saber por algumas lideranças do PT no Estado como Welligton Dias, Antônio José, Oneide Rocha, todos amigos pessoais de Bibia e todos engajados no PT do Estado, comunicaram a Lula, a história da “senhora Bibia do PT de Santo Antônio”, que o candidato Luís Inácio Lula da Silva o “LULA” em campanha política já para as eleições de 1994, aproveita o insejo e se interessa em conhecer a cidade em que uma Senhora já de idade se destacou como principal figura fundadora do partido em sua cidade, onde ele Lula, no momento e até os dias atuais é o maior representante no país.

---

<sup>28</sup> SILVA, Expedito. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

<sup>29</sup> ROVHA, Estevão. Entrevista concedida a Ítala Loyane. Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

<sup>30</sup> FILHA, Maria de Jesus. Entrevista concedida a Ítala Loyane. Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

<sup>31</sup> Idem



Essa visita foi um momento único na vida de dona Bibia<sup>32</sup> por conta de toda sua luta política em nome dos trabalhadores de seu município então ver, e ficar ao lado do maior líder do país responsável por desencadear reivindicações e lutas em benefício dos trabalhadores foi muito emocionante diz Bibia. Mas também foi um momento muito marcante na vida de todos os lisboenses, que puderam receber a visita de um candidato à presidente da República do Brasil, e que posteriormente seria eleito e consagrado como um dos maiores presidentes da história, por toda sua trajetória de luta em nome dos menos favorecidos. A seguir, pode ser visualizada a foto de Lula no palanque em Santo Antônio de Lisboa.



Ilustração 11: Padre Toinho discursando, ao lado Lula, Bibia, seu filho Aldí e outros membros da comitiva de Lula em Santo Antônio de Lisboa em 1992.

Fonte: Acervo pessoal de Maria de Jesus Filha

Segundo Bibia<sup>33</sup>, a visita de Lula em 1994 em Santo Antônio de Lisboa foi uma vitória muito grande para o município porque o PT na cidade ainda era um partido pequeno e fraco. Foi feita uma festa para a sua chegada, teve comício, a cidade foi enfeitada com bandeiras e foi montado um palanque com comidas e frutas regionais para sua vinda.

Em 1996, Bibia candidata-se a vereadora novamente pelo Partido dos Trabalhadores, e desta vez consegue ser eleita com aproximadamente 164 votos, para um eleitorado de mais ou menos 4 mil habitantes. Já em 1997 um ano após ser empossada, Bibia solicita e consegue

<sup>32</sup> FILHA, Maria de Jesus. Entrevista concedida a Ítala Loyane. Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

<sup>33</sup> Idem.

com o apoio do governador Mão Santa e o secretário de educação Ubirací Carvalho uma grande conquista para seu município, que foi implantar o Ensino Médio na Unidade Escolar Maria de Carvalho, escola do Estado da cidade, que tanto as escolas do Estado como as do município não possuíam ainda essa (modalidade ou nível de ensino).

Nas eleições do ano 2000, Bibia candidatou-se novamente a vereadora, porém nessa eleição não foi eleita, perdendo por (dois) votos de diferença para o candidato Francisco Cilton de Carvalho. Diante de sua forte representação política no município, e por ser um nome importante de seu partido, o prefeito da cidade, na época, o Senhor Paulo José da Luz lhe retribuiu com o cargo de Secretária de Obras do Município e, nele a Senhora Bibia permaneceu até as eleições de 2004.



Ilustração 12: Cartaz de propaganda eleitoral de Bibia da eleição de 1996.  
Fonte: Acervo pessoal de Maria de Jesus  
Filha

Em 2004, aos 75 anos de idade Bibia candidatou-se novamente a vereadora e foi eleita, demonstrando a firmeza e a exatidão de seu lema político “Experiência e Prática”, fazendo a diferença na política de Santo Antônio de Lisboa enquanto mulher, e por sua longa e experiente trajetória de vida como Mãe, esposa, trabalhadora, e política. A próxima imagem pode-se observar Bibia com seu certificado de vereadora.



Ilustração 13: Bibia no dia de sua diplomação como vereadora das eleições de 1996.

Fonte: Acervo pessoal de Maria de Jesus Filha

Segundo Bibia<sup>34</sup> as eleições nos pleitos de 1996 e 2004 foi uma árdua caminhada, mas que valeu muito apenas: “(...) andava pedindo voto pra eu ser uma vereadora e acreditava que ia ganhar porque o povo me tratava bem, e eu confiava no povo e o povo dizia nós vamos fazer de Bibia uma vereadora do PT”.

Apesar de não ter tido muitas oportunidades na vida para se dedicar aos estudos, a dona Bibia após ser eleita vereadora considerou necessário e de fundamental importância, a necessidade de participar de todos os eventos que pudessem melhorar sua qualidade e sua capacitação política, visto às limitações que ela mesma sabia que tinha, com isso em sua trajetória política ela participou de vários cursos, palestras e conferências sobre as questões que apoiava, como podemos comprovar em alguns dos principais certificados dos cursos que participou ao longo de sua carreira política e que apresentamos em anexo neste trabalho, tais como: I Conferência Internacional de Assistência Social (1997); II Conferência Internacional de Assistência Social e dos Direitos da Criança e do Adolescente (2001); a participação do curso Sindicalismo e Exercício da Cidadania (2003), Líder Cidadão (2003) pelo SEBRAE;

<sup>34</sup> FILHA, Maria de Jesus. Entrevista concedida a Ítala Loyane. Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

Semana de Agronomia no Estado do Piauí (2005); III Conferência Municipal de Saúde de Santo Antônio de Lisboa (2005). Os quais podem ser vistos em anexos. De acordo com Bibia<sup>35</sup>:

O que eu achei mais difícil é porque eu era analfabeta, nem sabia ler, só lia pouca coisa, e assinava meu nome e algumas palavras, então eu achei muito difícil. Mais com a ajuda do povo levei em frente com coragem e também com ajuda de Deus. Muié, por eu ter muita coragem e fé, foi que deu certo, mais meus fí Aldí e Ajailton sempre tiveram comigo, caminhando comigo nessas jornada política me ajudando, me orientando, com os papel me explicano as coisas, então eu enfrentei tudo esse tempo com coragem e não achei coisa muito difícil não. Com a ajuda do povo, o povo me ajudava e eu enfrentava qualquer coisa. Mas não achei muito difícil não.

Assim, observa-se de acordo com a fala de Bibia, que a mesma passou por muitas dificuldades, porém não desistiu. Com o apoio de seus filhos e do povo que aos pouco foi conquistando, ela teve força para lutar pelas causas justas e ir em busca de melhorias para sua comunidade.

A foto a seguir mostra alguns entes familiares e amigos de Bibia junto com ela na torcida apoiando as propostas política do PT.



Ilustração 14: Bibia ao lado de filhos, netos e amigos, segurando bandeiras e torcendo alegremente na eleição de Lula como presidente da República em 1994.

Fonte: Acervo pessoal de Maria de Jesus Filha

<sup>35</sup> FILHA, Maria de Jesus. Entrevista concedida a Ítala Loyane. Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

Em relação a ter sofrido algum tipo de discriminação Bibia<sup>36</sup> diz que não sofreu nenhum tipo de exclusão pelo menos que tenha percebido. E no que se trata de desistir de sua carreira política ela também coloca que não, pois foi muito considerada já tendo recebido importantes personagens da política, tais como Lula, Wellington Dias, Antônio José Medeiros, Ubiraci Carvalho, Oneide Rocha, entre outros. E expõe mais:

Foi por essas coisa que eu nunca pensava em desistir da luta, porque eu era muito considerada, as pessoa respeitava muito Bibia, e o que fez eu me afastar foi por causa da minha idade, porque já entrei na política com uma idade mais avançada e com o tempo não tinha mais muita disposição de enfrentar as coisa que precisava, porque a gente tava sempre fazendo muita viagem pelo mundo, gritano por as coisa, lutano pra os trabalhador conquistar seus direito, aí eu já de idade num guentava mais, e foi por isso que eu não me candidatei mais vezes, e meu filho Ajailton foi quem tomou de conta, e também foi bem eleito, bem considerado nas urnas, tudo isso o povo em consideração e recunhimento por nosso trabalho prestado.

O que se pode perceber segundo Bibia, é que preconceito em relação a ser mulher não ocorreu, os impasses encontrados para seguir sua carreira política foram só a questão de sua idade que já estava avançada para o desempenho de tal atividade que requisitava muita energia.

Diante de sua longa e promissora trajetória política na cidade de Santo Antônio de Lisboa, no ano de 2005 a dona Bibia é homenageada com grau *Cavaleiro* na capital do nosso Estado Teresina, pela Ordem Estadual do Mérito Renascença, que é a mais alta comenda do Estado do Piauí. A Ordem Renascença é destinada a personalidades e entidades nacionais e estrangeiras que tenham se tornado dignas da gratidão, admiração e reconhecimento por parte do povo e do governo do Piauí. Na Ordem possui também um alinhamento hierárquico inspirado na Legião de Honra que é a principal comenda francesa, onde as medalhas são oferecidas nos graus Grão-Mestre que é o governador do Estado do Piauí, Grande Colar, Grã-Cruz, Grande Oficial, Comendador, Oficial e Cavaleiro. O Certificado pode ser visto nos anexos.

O Governador do Estado no período desta homenagem era o Senhor Wellington Dias, que por ser um grande nome do Partido dos Trabalhadores no Estado, acabou se tornando um amigo pessoal de Bibia, fazendo muitas visitas ao município por conta de sua amizade e logicamente pelo “jogo político”. Além de Wellington Dias, Bibia também conquistou a amizade de outros nomes políticos na região, mais todos mais relacionados à sua ligação ao PT, como a Senhora Oneide Rocha representante do PT na cidade de Picos, e o renomado

---

<sup>36</sup> FILHA, Maria de Jesus. Entrevista concedida a Ítala Loyane. Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

militante político pelo PT, o senhor Antônio José Castelo Branco Medeiros, que foi um membro fundador do Partido dos Trabalhadores no Piauí, o senhor Nazareno Fonteles, Flora Isabel que também são nomes bastante significativos dentro do Partido dos Trabalhadores, e também o Senhor Rufino Almondes que trabalhava no MEB em Picos e através dele conseguiram trazer para Santo Antônio cursos de capacitações, alfabetização de Jovens e adultos, baseados no método Paulo Freire.

A seguir podemos visualizar imagens de Bibia em diferentes ocasiões com o importante representante político do PT, Weligton Dias – na época governador do Estado do Piauí.



Ilustração 15: Bibia ao lado de Weligton Dias na comemoração dos 30 anos de PT no Brasil e posse do Diretório de Picos em 2010.

Fonte: Acervo pessoal de Maria de Jesus Filha

Entre o resultado da atuação de Bibia<sup>37</sup> como parlamentar cita-se além da instauração do Ensino Médio, calçamento para as ruas, construção de cisternas, apoio aos produtores de caju. Bibia discorre sobre a chegada do Ensino Médio em Santo Antônio de Lisboa:

Tava com Dez anos sem segundo grau, eu com a orientação do MEB de Dona Luisinha, de Antônio Bezerra que era lá do MEB... me orientou me ensinou e eu viajei procurando o segundo grau daqui pra Teresina sem nem saber o que era Teresina. Mais procurei Ubiraci e tive o maior apoio. E fui uma vez, fui segunda vez e quem me apoiou lá foi Wellington Dias, eu mais

<sup>37</sup> FILHA, Maria de Jesus. Entrevista concedida a Ítala Loyane. Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

Aldi e Ubiraci pedindo a instalação do Segundo Grau em Santo Antônio de Lisboa. Quando eu cheguei aqui em Santo Antônio de Lisboa foi uma vitória pra o povo. Mais depois no dia da inauguração tinha gente que não gostou porque tinha sido uma vereadora fraca do PT que tinha trazido o segundo grau pra Santo Antônio de Lisboa ...

Bibia mesmo sem ter estudos, reconhecia a importância de uma educação de qualidade e buscou priorizar essa questão na sua atuação como vereadora, pois além do ensino médio, lutou para a implementação do transporte escolar indo buscar os alunos nos interiores, que sofriam muito sem ter como vir estudar na cidade, e isso causava um grave problema de evasão escolar; conseguiu calçamento para ruas ; apoiou agricultores na fundação de uma cooperativa de Caju. Bibia e seus companheiros incentivaram a criação de uma associação no município, que foi a (ACPCC – Associação Comunitária dos Pequenos Produtores de Caju criada em 25/06/1994) que visava melhorar o aproveitamento do caju em Santo Antônio de Lisboa, que posteriormente se consagrou como uma das cidades com maior extensão territorial de incentivo da fruta. A fundação da associação ACPCC conta com o apoio do Banco do Nordeste representado pela senhora Francimar. A nota da fundação saiu no jornal Diário Oficial, o qual pode ser visualizado no final do trabalho em anexos.

De acordo com Bibia<sup>38</sup>, o incentivo para fundação de uma associação no município de Santo Antônio de Lisboa veio porque ela já era sócia de uma cooperativa em Picos. Então, a criação de uma na localidade de Santo Antônio de Lisboa seria muito boa para um melhor aproveitamento do cultivo da produção de caju local. Desse modo, “Aí nós fazia a vida era na roça, nós colhia o caju na roça, tirava as carradas de caju pra Recife, pra Fortaleza”. Também produziram cajuína, porém “os sócios era fraco” a produção não durou por muito tempo, de tal modo que terminou aproveitando a produção através da venda do caju e da castanha.

Na fundação da Associação ACPPC, os organizadores tiveram uma idéia de fazer uma festa do caju em setembro de 1994 para obter recursos para construir a sede da associação. Tal festa teve tamanha repercussão que todo ano no mês de setembro acontece os festejos do caju, grandioso evento que se tornou conhecido em todas as regiões vizinhas. A imagem a seguir mostra Bibia recepcionando em sua residência, importantes integrantes da política piauiense nos festejos do caju do ano de 2010.

---

<sup>38</sup> FILHA, Maria de Jesus. Entrevista concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.



Ilustração 16: Bibia ao lado de Wilson Martins, candidato a Governador do Piauí na ocasião, Welligton Dias( Deputado Federal) Antônio José Medeiros, Dr. Fabiano, e seus filhos Aldí e Ajailton. Festa do caju, 2010.  
 Fonte: Acervo pessoal de Maria de Jesus Filha

Na eleição de 2008, Bibia por estar com a idade mais avançada já não mais se candidata. Então apoia seu filho Ajailton em sua candidatura de vereador para dar continuidade as prestações de serviço ao município de Santo de Antônio de Lisboa, principalmente no sindicato dos trabalhadores rurais onde, ele, sua mãe e seu irmão Aldí já tinha um trabalho prestado e reconhecido entre os munícipes, e assim, ter muito conhecimento dos problemas enfrentados pelo povo. Além disso, ela informa que “sempre ajudava também ele no trabalho que ele enfrentava de vereador. Eu ajudava muito também a ele ser eleito”. A foto a seguir mostra Bibia junto de seu filho Ajailton mostrando que a união esteve muito presente entre sua família, um apoiando o outro.





Ilustração 17: Bibia e seu filho Ajailton no dia da diplomação dele como vereador na câmara municipal de Santo Antônio de Lisboa em 2008.  
Fonte: Acervo pessoal de Maria de Jesus Filha

A permanência feminina na política é um aspecto que vai aos poucos fazendo parte da vida de algumas mulheres na política, apesar de a continuidade política ainda ser direcionada para o mundo masculino, porém, é possível observar que a mulher começa a inicia-se em um movimento feminista mais realista, libertando-se politicamente e sobressaindo-se a batalha com os homens no universo político, candidatando-se à prefeitura e à Câmara de vereadores em várias localidades do Piauí (SOUSA, 2008).

Bibia é uma dessas mulheres que aos poucos foi conquistando o espaço público, tornando-se um forte e respeitável símbolo político na sua cidade. E sendo cada vez mais conhecida pela sua atuação como vereadora na aquisição de feitos parlamentares, e reconhecida principalmente pela sua competência e dedicação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o observado ao longo do texto apresentado percebe-se que Maria de Jesus Filha - Bibia foi e é uma mulher que esteve e está presente tanto nos afazeres de cunho doméstico quanto nos movimentos religiosos, sociais e políticos da cidade Santo Antônio de Lisboa. A qual deu sua contribuição a grandes feitos da referida cidade, tais como: sua importante colaboração para a Fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais em 1988, para a Fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) em 1990, e uma voz sempre ativa no apoio e cultivo da plantação do Caju, contribuindo com a Fundação da Associação Comunitária dos Pequenos Produtores de Caju (ACPPC) em 1994, na busca de valorizar e aproveitar ao máximo este fruto que tornou-se a base econômica de seu município. Entre seus trabalhos prestados como política pelo PT na cidade podemos listar como um dos mais importantes, a instauração do Ensino Médio em 1997 na Unidade Escolar Maria de Carvalho, destacando-se que esta é ainda a única escola no município a contar com esse nível de ensino.

Bibia lê e escreve com dificuldade, e teve sua vida pautada com uma renda proveniente do trabalho rural, onde aos 46 anos de idade ficou viúva, com oito filhos para criar e educá-los sozinha. Católica praticante buscou forças na Igreja, passando a prestar serviços à essa instituição como coordenadora, e representante da Pastoral da Criança e do Adolescente na comunidade de (1987 a 2004). Então, nesse momento Bibia sai do ambiente de seu lar, para ter um contato maior e mais direto com as pessoas do seu município através da prestação de seus trabalhos na Igreja, onde ela passou a perceber as dificuldades encontradas na sua cidade com um olhar mais astuto, e desse modo, analisando e posicionando-se diante dos acontecimentos com um olhar mais crítico e piedoso em relação às injustiças que ocorriam no seu município, e isso, foi o que à estimulou a ir a luta e reivindicar por melhorias para a vida dos mais necessitados .

Em 1987, Bibia dá seu primeiro grande passo em sua trajetória política, se aliando a algumas pessoas de seu município que criou vínculo a partir dos encontros da CEB's, e chegaram ao propósito de fundar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o qual é fundado no dia 24/07/1988. Em seguida no dia 22 de maio de 1990 participou da fundação do PT (Partido dos Trabalhadores) e em 1992 Bibia candidatou-se a prefeita de Santo Antônio de Lisboa pelo Partido dos Trabalhadores, mais não conseguiu se eleger. Em 1996, Bibia candidatou-se a vereadora novamente pelo Partido dos Trabalhadores, e desta vez conseguiu ser eleita. Na eleição seguinte do ano 2000, Bibia candidatou-se novamente a vereadora, porém nessa eleição não foi eleita perdendo por (dois) votos de diferença para o candidato Francisco Cilton

de Carvalho. Em 2004 já aos 75 anos de idade Bibia candidatou-se novamente a vereadora e foi eleita cujo seu lema político é “Experiência e Prática”. E em 2008, por já estar com uma idade bem avançada Bibia se afastou da política, e passou a missão para seu filho Ajailton Rodrigues Lima que acompanhou e auxiliou toda a trajetória política de sua mãe, e foi eleito. Assim, Bibia igualmente a outras mulheres no mundo e no Brasil tornou-se líder na comunidade em que vive inicialmente como chefe de família depois como dirigente política.

Nessa perspectiva, observa-se que Bibia é uma mulher que já na década de 1980 onde a participação de mulheres era ainda menor na política do Brasil, quiçá no Piauí e principalmente em cidades interioranas, como Santo Antônio de Lisboa, conseguiu e agregou as suas responsabilidades da vida doméstica e privada, uma efervescente e calorosa vida pública, de modo, que tornou-se uma mulher competente e respeitada entre seus munícipes conseguindo vencer duas eleições sendo a primeira mulher na cidade a assumir uma cadeira na Câmara Municipal, e eleger seu filho como sucessor.

E é diante das novas possibilidades de pesquisas que nos são dadas, que encontramos o aporte teórico e metodológico que nos fortalecem para que histórias novas sejam conhecidas, narradas e propagadas, e que possamos sair do micro para se compreender o macro. E é nesse contexto que destacamos a relevância desta pesquisa, que buscou fazer um paralelo entre o processo de emancipação feminina e a trajetória específica de uma senhora semi-analfabeta, viúva, católica, trabalhadora rural de uma cidade do interior do Piauí, que agiu diferente das mulheres de seu tempo e buscou marcar seu nome na história social e política de seu município. Não obstante sendo uma minoria feminina na presença predominante masculina, mas que assim como os homens vai a luta conquista espaços, profissões e direitos, adquirindo a igualdade e respeitabilidade de todos.

As conquistas sociais femininas ao longo do desenvolvimento da sociedade brasileira são inegáveis. No entanto, ainda estão aquém do ideal. Na realidade as mulheres foram da esfera doméstica à ocupação de diversas funções na sociedade moderna, mas, a desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres ainda persiste na sociedade atual, como por exemplo, a proporcionalidade da presença feminina na política.

## FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES:

Indivíduos de Santo Antônio de Lisboa que deram sua contribuição para a construção de conhecimento da pesquisa intitulada “Da roça e o lar, ao reivindicar: A trajetória política de Maria de Jesus Filha (Bibia) 1908-2008”, entrevistados tais como: Maria de Jesus Filha (Bibia), seus companheiros de luta Expedito Silva, Estevão Rocha e Nilvon Brito. Sendo importante por tratar-se de entrevistas com pessoas que participaram direta ou indiretamente dos fatos ocorridos na história política e social da trajetória histórica de Bibia. A entrevista com Bibia foi importante por se tratar da visão dos fatos, em especial, da própria personagem; com o senhor Expedito Silva por ser uma pessoa que não participou efetivamente do fundação do sindicato e do PT exercendo cargos, mas por estar presente, participando e contribuindo para que isso acontecesse; Estevão Rocha, por ser a pessoa que estava presente durante grande parte da trajetória social e política exercendo funções; e Nilvon Brito, não esteve presente desde o início na fundação do sindicato, porém posteriormente participou das jornadas nas lutas por melhorias para o seu município.

BRITO, Nilvon. Entrevista Concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

FILHA, Maria de Jesus. Entrevista Concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

ROCHA, Estevão. Entrevista Concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

SILVA, Expedito. Entrevista Concedida a Ítala Loyane, Santo Antônio de Lisboa – PI, 2013.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Raphaela. “Novo” sindicalismo e memória: a CUT e a construção de sua identidade política. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: contexto, 2010, p. 155-202.

BALDISSERA, Adelina. O Poder Social/Participativo nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) em vista à nova sociedade. **Sociedade em Debate**, Pelotas, n.6: 53-62, abril/2000.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Traduzida pela Difusão Européia do Livro. 4 ed. São Paulo, 1970.

BESSA, Karla Adriana Martins. **O papel da mulher na sociedade ao longo da história.** 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** Lembranças dos velhos. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo. **Mulheres Plurais.** Teresina. F. C. M. C., 1996.

BRANCO, Pedro Vilarinho. **Imagens Tecidas Pelo Tempo:** A Mulher na Sociedade Teresinense. In: EUGENIO, João Kennedy. **Historia de vários feitos e circunstancia.** Teresina: Instituto Dom Barreto, 2000, p.285.

BRASIL. Constituição 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988.

BRITO, Nilvon Batista. **Histórias do Rodeador.** Rio de Janeiro: Usina de Letras, 2009.

BURKE, Peter. **História e teoria social.** Tradução Kaus Brandini Gerhardt, Roneide Verâncio Majer. São Paulo: UNESP, 2002.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. **Mulheres em ação:** Revolução, Protagonismo e Práxis dos séculos XIX e XX. São Paulo, Jun 2005.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral** – memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva.** 6 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

GIANNOTTI, Vito. **História das Lutas dos Trabalhadores no Brasil** / Vito Giannotti. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

GODINHO, Tatau. Democracia e política no cotidiano das mulheres brasileiras. IN: **A mulher brasileira nos espaços público e privado.** / Gustavo Venturi, Marisol Recamán e Suely de Oliveira, organizadores. – 1. Ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. P.149-159.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & Gênero.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LE GOFF IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas.** São Paulo: contexto, 2010, p. 183.

MATOS IN: GOLÇALVES, Andréa Lisly. **História & Gênero.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MEIHY José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 5 ed. Revista e ampliada. São Paulo: Edições. Loyola, 2005.

NEVES, Ana Maria Bergamim; HUMBERG, Flavia Ricca. **Os povos da America:** dos primeiros habitantes as primeiras civilizações urbanas. 4ª Ed. São Paulo: Atual, 1996, p.38.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres, e prisioneiros. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. IN:ALMEIDA, Heloisa Buarque de. SZWAKO, José Eduardo. (Orgs.). **Diferenças, igualdade.** São Paulo: Berlendis e Vertechia, 2009, p. 116-149. (Coleção Sociedade em foco: introdução às ciências sociais).

RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI – Ou Carta de Alforria. IN: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. (Org.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. P.31-42.

PRIORI, Mary Del. **História das mulheres no Brasil.** Bassanezi (cood. De textos) 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul, v. 15, n. 2. Jul/ dez., 1990.

SECCO, Lincoln. **História do PT.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

SOIHET, Rachel. **História das mulheres.** FLAMARION, Ciro Cardoso. VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 275-296.

SOUSA, Nalva Maria Rodrigues de. **A política de Salto:** A participação feminina na política piauiense – 1970 à 1998. Teresina: 2008. 117 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, 2008.

THOMPSON, Paul, **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1992.

## **FONTES CONSULTADAS NA REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES - INTERNET**

ATANÁSIO, Francisco Chagas; ROCHA, Damião de Cosme de C. Dentre lutas, lidas e labutas: Memórias e narrativas sobre o processo de formação das ligas camponesas no Piauí e suas experiências organizativas na “terra dos carnaubais” (Fazenda Matinhos/Campo Maior). Vozes, Pretérito & Devir. Dossiê Temático: Escritos sobre a História do Piauí... Ano I, Num I, (2013). Disponível em: <<http://www.fapepi.pi.gov.br/ojs/index.php/revistavozes/article/view/26>>. Acesso em: 13 jul.2013.

BALDISSERA, Adelina. O poder social/participativo nas comunidades eclesiais de base (CEBs) em vista a nova sociedade. Disponível em: <[http://www.ucpel.tche.br/revista\\_soc\\_debate/arq\\_artigos/16\\_v6n1abril2](http://www.ucpel.tche.br/revista_soc_debate/arq_artigos/16_v6n1abril2)>. [Adelina.pdf](#). Acesso em 19 de dezembro de 2012.

BETTO, Frei. O que é Comunidade Eclesial de Base. Disponível em: <<http://www.estf.edu.br>>. Acesso em: 20 jun.2013.

ESTIMA, Fernanda. **Revista Teoria e debate** – marco/abril 2009, p.42. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/.../no-piaui-pt-constroi-um-novo-estado?page...>>. Acesso em: 05 maio 2013.

FÁVERO, Osmar. **MEB – Movimento de Educação de Base** – primeiros tempos: 1961-1966. Nota do editor: texto apresentado no V Encontro Luso-Brasileiro de História da Educação, realizado em Évora, Portugal, de 5 a 8 de abril de 2004. Disponível em: <[http://www.forumeja.org.br/files/meb\\_historia.pdf](http://www.forumeja.org.br/files/meb_historia.pdf)>. Acesso em: 20 jan.2013.

IBGE, Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000 - Malha municipal digital do Brasil: situação em 2001. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em : 12 jan. 2013.

## **ANEXOS**